

AUTORES & LIVROS

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"
*publicado semanalmente, sob a direção de Mucio
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)*

Vol. 11
Rúm. 14

Notícia sobre Antero de Quental

ANTERO Tarouco de
Quental nasceu em Pon-
te-Ofenda, Ilha das
Açores, em 13 de abril de
1810. Foi o distinto es-
cultor da Ponte Quental,
e faleceu em Lisboa e na
idade de Coimbra.

1550 tornara-se conhecido entre os universitários de Coimbra e mesmo do grande país, por ter iniciado a publicação dos seus trabalhos. Foi com uma publicação de sua obra "A História", no ano seguinte, publica os "Sobrados Antigos", que já transcreveu Portugal, tais conferências. Quental indignou-se com essa proibição e dirigiu ao governo a violenta carta de protesto.

Tamanha desilusão desencantou-o de todo. Ele retirou-se da vida pública, e empreendeu uma viagem aos Estados Unidos.

da esse tempo, segundo
observa Mendes dos Remédios,
ele exerceia sobre sua geração
uma espécie de magistratura
moral".

— Ah! 10 anos, seu nome sae do
canto dos estudantes e se pro-
põe sobre todo o país. Visitava
Coimbra o Príncipe Real da
1880, que depois foi o Rei
Humberto, e Antero o saudou.
Em seu diário disse estas pa-
lavras: «Os estudantes da Uni-
versidade de Coimbra saudam
em nome da fraternidade dos
dois países irmãos, o neto

dos povos latinos, o herói Carlos Alberto; a mocidade libertadora portuguesa assada, em nome de liberdade do mundo e da felicidade, é filha de Victor Mauro. Não é ao representante da casa de Saboia, que vimos prever a libertação, e ao filho do primeiro soldado da independência italiana..."

E mais ou menos nessa fase que Eu de Queiroz o encontrei na Faculdade de Direito, de comando, para os colegas atômico, com a sua alourada barba, a sua majestade e o seu gabinete de profeta, versado em considerações, nos quais Deus se manifestava aos santos, e aí saiu a converter com Garofalo.

1.º) Ambém nessa fase que el
louva, com três ou quatro com-
panheiros a Sociedade de Baio
que ficou famosa.

Em 1831 é Antero bachare-
lado em Direito. A carta pouco
depois dedicando-se ele inte-
rramente à sua vocação de ho-
mem de letras, e principia metu-

de 1835 uns trabalhos de poeta
data de 1835 sua polémica
com Antônio Feliciano de Castilho,
polémica que ficou famosa
com o nome de Quatros Colmeias,
nos fatos da história literária
de Portugal. Essa guerra
de homens de letras consumiu
papel e tinta infinitamente.
Para mais de quarenta opu-
los foram escritos no decor-
rer dela. Por ela bateram-
se duelo Antero de Quental
contra Otávio... .

...decorrer da "Questão Colômbia". Antero publica o seu opúsculo "Bom Senso e Bom Gosto", e, mais tarde, "A dignidade das letras e as literaturas efêmeras".

Desse período efervescente fôr que lhe advin, talvez, o gosto pelas assuntos políticos. De ter êle tomado parte nas conferências do Casino, pronunciando, em 1871, a Conferência sobre as "Causas da Decadê

principalmente o Antero poeta; no proximo domingo teremos, sobretudo, o Antero prosador uma autoigia, uma amostra do mäsculo, consideravel prosador que existiu nele.

Nestes dois números do nosso suplemento, daremos, igualmente, uma faira contribuição de estudos sobre Antero. Assim, algumas dessas estudos contemporâneos do poeta, como Esq. de Queiroz e Oliveira Martins, assimaram outros críticos e poetas portugueses e brasileiros do momento atuais.

Aos que se surpreenderem de que dedicemos a um escritor estrangeiro dois números deste suplemento, poderemos responder que não houve nenhum engano de nossa parte.

gero de nossa parte.

Antero de Quental é, evidentemente, um dos homens mais importantes da cultura luso-brasileira. A contribuição que ele deu ao pensamento e à arte escrita de Portugal e do Brasil foi inacalculável e ainda hoje permanece. Muitos dos nossos poetas da primeira ordem receberam dele o influxo, numa medida clara, noutros mais diluído. Síntesis Antero em Cruz Souza, em Afonso de Guimaraens, em Raimundo Correia, em Ronald de Carvalho, em Augusto dos Anjos, em Raul de Leoni, no Bilde da última fase, em vários dos nossos maiores

mas não é somente essa influência direta sobre a nossa literatura que determina a nossos olhos a extrema importância de Antero de Quental. Verificamos que essa importância é extrema quando consideramos os numerosos meios indiretos como ela se faz e se faz ainda hoje sentir em nosso es-

Com efeito, Antero de Quental foi, propriamente, o esorrito da Revolução, encarnado em um homem e agitando os tranquilos arraiais espirituais de Portugal. Quando ele surgiu, a velha reino mofava na paisagem.

velho reino moinava, na passagem
maciça lórga de sua escrituração
bolorentos, de seus bons bolorentos
poetas. Antero trouxe a Vassouras
randa salutar que agitou tudo.
Mais velho do que as outras
grandes valores da sua geração
— Oliveira Martins era o mais velho
de 1845. Era era de 44. Junqueiro
era de 50 — Antero profundamente
influído sobre eles, foi para sempre
sobre eles uma espécie de mestre,
sempre azulado e sempre ouvi-
do. Foi ele, por assim dizer,
abridor de caminhos, o orientador
e dor espiritual dos seus amigos.
Ate no estilo — n — estilo mode-
lar de uma Eça de Queiroz, por
exemplo — semelhantes a grande

Ora, sobre o espírito das gerações brasileiras dos fins do século passado e dos começos do atual século foi considerável e acaso ainda hoje perdura, influência desses escritores portugueses, ou pelo menos a de alguns deles.

Por tudo isso é que atribuímos a Antero de Quental uma significação tão particular, na evolução das ideias literárias e filosóficas em Portugal e também no Brasil. E por isso queremos tributámos homenagem especial, dedicando-lhe dois números desta publicação.



ANTERO DE QUENTAL

S U M Á R I O

PÁGINA 215

- Notícia sobre Antero de Quental.
 - Sumário.

PAGINA 216:

 - Um gênio que era um santo (Trecho de estudo), Eça de Queiroz.
 - A Fé, de Antero de Quental.

PAGINA 217:

 - Evocação de Antero de Quental, de D. Milano.
 - Louvor de Santo Antero, de Tristão da Cunha.
 - Destino de poeta, de Manuel Bandeira (da Academia Brasileira).
 - O Pessimismo, de Antero de Quental.

PAGINA 218:

 - Sonetos de Antero: Ignoto Deo, Lamento, Tormento do Ideal, Aspiração, Saimo, A M. C. A Alberto Teles, A Germano Meyreles, A M. C., Desesperança, Beatrice, Amor Vivo, Visita, Pequena.

PAGINA 219:

 - Retrato ideal de Antero, por Cecília Meireles.

PAGINA 226:

 - O Suicídio de dois poetas, Antero de Quental e Enrique Kleist, de Ernesto Feder.
 - A imensa missão de escritor, de Antero de Quental.
 - Bibliografia anteriana, de M. L.
 - Elogio mútuo, de Antero de Quental.

PAGINA 227:

 - Remorso pela morte de Antero, de Jayme Correia.
 - Achatamento universal, de Antero de Quental.
 - Pensamentos, de Antero de Quental.
 - Serenata, de Antero de Quental.

PAGINA 228:

 - Correspondência de escritores. Carta de Antero de Quental a João de

PAGINA 219:

- Sonetos de Antero: A Sulamita, Sonho oriental, Idilio, Noturno, Abnegação, A parição, Mãe..., Na Capela, Volut umbra, Mea culpa, O Palácio da Ventura, Ideal, Enquanto outros combatem, Despondency, Metempsicose.
 - Deus (tre-simile).
 - Síntese de Antero de Quental (Trecho de um artigo), de Fidelino de Figueiredo.
 - A Carlos Baudelaire (autos das "Flores do Mal"), de Antero de Quental.
 - Pensamentos, de Antero de Quental.
 - Isolamento, de Antero

PAGINA 220

- Sonetos de Antero: A um crucifixo, Diálogo, Mais luz; Palavras de um certo morto, A um poeta, Homo, Disputa em família, Mors liberatrix, O Inconsciente, Mors-Amor, Anima Mea, Divina comédia, O Convertido, Espetos. PÁGINA 221:

de Quental.

PÁGINA 229:

— Algumas poesias de Antero de Quental: Hino da Manhã, As fadas, Zara, PÁGINA 230:

— Excertos da Carta ao Marquês d'Avila, presidente do Conselho de Ministros, de Antero de Quental.

PÁGINA 221

- Sonhos de Antero, O — Saúdades do Príncipe Humberto, de Antero de Quental.

que diz à Morte, Nox, Em Viagem, Nirvana, Transcendentalismo, Evolução, Elogio da Morte, Lácrime rerum, Voz interior, Com os mortos.

O mundo real, de Antero de Quental.

A elevação moral, de Antero de Quental.

Um gênio que era um santo - (Trecho de estudo)

- Eça de Queiroz

Em Coimbra, uma noite nublada, macia de abril ou maio, atravessando lentamente com as minhas "sebentas" na algibeira o Largo da Feira, avistei sobre a escadaria da Sé Nova, românticamente batida da lua, que nesses tempos ainda era romântica, um homem, de pele que improvisava.

A sua face, a grenha densa e loura como lampejos fulvos, a barba dum ruivo mais escuro, frisada e aguda à maneira siroiana, reuziam aureoleadas. O braço inspirado mergulhava nas alturas, como no revolver. A capa, apenas presa por uma ponta, rojava por trás, largamente negra nas lages brancas, em pregas de imagem. E sentados nos degraus da Igreja, outros homens, embrioados, sombras imóveis sobre cantorias claras, escutavam, em silêncio e enlevo, como discípulos.

Parei, seduzido, com a impressão que não era aquele um repentista picareco ou amavioso, como os vales do antissimo século XVIII — mas um Bardo, um Bardo dos tempos novos, despertando almas, anuncianto verdades. O homem com efeito cantava o Céu, o Infinito, os mundos que rolam carregados de humanidades, a lux suprema habitada pela ideia pura, e

... os traneidentes recantos
Aonde o bom Deus se mete,
Sem fazer caso dos Santos
A conversar com Garrett!

Deslumbrado, toquei o cotovelo dum camarada, que murmurou, por entre os lábios abertos de gosto e paixão:

— E' Antero!

Deus conversava com Garrett.

Depois se bem me lembro conversava com Platão e com Mauro Aurelio. Todo o céu era uma radiante Academia. Os Santos mais ilustres, os Agostinhos, os Ambrosios, os Jerónimos, permaneciam fora, peitos pátios de dinhos, sumidos numa névoa subalterna, como plebe imprópria a penetrar no concílio dos Filósofos e dos Poetas. Mas o escravo Epicteto aparecia, ainda coberto das cicatrizes do latigo e dos ferros — e Deus estendia ao escravo Epicteto a sua vasta mão direita, donde se estendava o barro com que ele fabricava os astros...

Epicteto, meu anjinho,
Quero ouvir o teu ditame
E aconselhar-me contigo...

Então, perante este céu onde os escravos eram mais gloriosamente acolhidos que os doutores, desatrela a capa, também me sentei num degrau, quase aos pés de Antero que improvisava, a escutar, num enlevo, como um discípulo. E para sempre assim me conservai na vida.

Intensidade, porém, com aquelle que eu depois chamava "Santo Antero", so verdadeiramente começou na manhã em que o visitei, com muita curiosidade e muita timidez, na sua casa do Largo de São João. Era o hereditário quarto da velha Coimbra, com as portas rudeamente besuntadas de azul, e teto alto de madeira fusa, e a cal das paredes riscada por tocas as cabeças de lumes-prontos que em cinquenta anos ali se tinham raspado, com pragueta para arendar a torela de azeite, a hora triste em que toca a "cabra". A um canto um leito de ferro, num alinho rígido. Diante da janela a banca de Coimbra dos meus tempos, tabua de pinho sobre quatro pés toscos, onde uma Bíblia, um Virgílio, o caderio de papel, o maço de cigarros, polinavam numa ordem curta e árida. E no meio desta quietação das coisas, e de todo o azul e todo o ouro da manhã de maio

que entravam pelas janelas, prò como uma criança, porque Antero, batendo com grossos sapatos o soalho mal aplamado, parecia um leão cheio de desordem interior e de sanha. O "olá!" que me dirigiu foi perfetamente rugindo. Que dor ou que afronta lhe erracava assim a juba loira? Abrira um gavetão, e tirava de dentro cartas, papéis, frotamente, como se arrancasse entradas. Num arremesso empurrou para a mesa uma pobre cadeira caducada onde se abateu com amargura — e começou então a desfruir as cartas e os papéis dum modo estranho, que me maravilhou. Dobrava cada folha ao meio, esmeradamente; depois, violento e certeiro ainda a dobrava em "quarto"; depois, com uma atenção sombria, ainda a dobrava em "oitavo". Sob a unha raiosa achitava as dobras; — e, empunhando uma faca como um ferro de vingança e morte, cortava os papéis finamente, fazendo com dois golpes pequenos massas bem esquadradões, que ia amontoando numa resma nitida e folha.

E todo este lento, paciente trabalho de precisão e simpatia, o continuava com um modo revolto e trágico. Fascinado, surdi do van da janela onde me refugiava, e parando a borda da fessa:

— Oh Antero, quanta ordem veio tem na desfracção!

Eis o diretorio sobre minh'olhos devoradores. Depois considerou ainda enrugado, a pálida acerada dos papéis cortados, e um sorriso, aquie sorriso de Antero que era como um sol nascente, iluminou, fez toda clara e rosea a sua boa face onde havia um não sei que de filósofo de Alexandria e de piloto, do Báltico:

— O ritmo, murmurou é necessário cromoso no delírio.

E com efeito, naquela alma estética, sempre as angustias mais desordenadas se moldaram em formas perfeitas.

Antero captivava "toda a sorte e condições de gentes variadas", como diz a Bíblia. Vi lavradores, diplomatas, industriais, toureiros, meros vadios, voltarem da sua companhia gratamente encantados, e cada um louvando nela um dom divisor, qual o bom senso, qual o saber especial, qual a gentil graca, qual a docura. Taranhos beatos, de felicíssimo e opa, amavam aquele livre Filósofo; e mundanos de estouvada manandanidade, viviam no entusiasmo daquele asceta. Isto provinha, menos da sua ilimitada aptidão para compreender, que da sua amorável facilidade em se interessar; — e ainda também daquela sua delicada arte rara e benéfica, provando sempre sobre raça e muita humanaidade, a arte de "saber escutar". E não só de escutar, mas de ajudar o pensamento dos outros a surgir dos embarracos da expressão perra, a lancar o seu pequenino brilho: — e assim muitos afirmavam que, conversando com Antero, se sentiam inesperadamente mais inventivos, mais inteligentes. A inteligência era a doce, que, como o generoso sol, feito de oiro candente, tudo diaira em redor.

Era tocante como atraia as crianças. Muitas noites em Santo Ovídio, quando junto do fogão Antero conversava sentado no meio dum divan, na sua altitude costumada, com as pernas cruzadas, as duas mãos cruzadas sobre o joelho magro, surpreendendo pequenos de seis e sete anos, que, desviando os olhos de algum livro de estampas, o contemplavam maravilhados. Ele punha, de resto, a suflé ciência de tratar com crianças, e de todo o azul e todo o ouro da manhã de maio

que entravam pelas janelas, prò como uma criança, porque a sua alma, que tanto vivera pela cogitação, nada perdera da candidez — e era assim ao mesmo tempo muito velha e muito inocente.

O motivo desta incomparável sedução era a sua bondade, tão luminosa, tão repassada de intelectualidade. Antero nesse tempo, tornado verdadeiramente Santo Antero, irradiava bondade. Como naqueles jardins espirituais celebrados pelos Mistérios, de onde se varreram todas as folhas secas, de onde se arrancavam todas as ervas más, muito limpos e enfeitados para receber a visita do Senhor — na alma de Antero, de que ele fora jardineiro cuidadoso, não restava erva má ou folha se, nem egoísmo, nem soberba, nem intolerância, nem desdem, nem cólera. Só as flores do Bem (de cuja duração e perfume ele outrora dividiria floriam, e tão lindamente e frescamente que o jardineiro agora responava, e a cada hora de sol ou de crepusculo o Senhor podia descer e visitar o seu jardim). Quando muito, aqui, alem, numa ponta de folha mais lustrosa, corría uma faísca de ironia.

Mas o Barcassino, esse, infelizmente o abandonaria, como armas de batalha que se deixam enterruar logo que vem a bela e doce paz. Também o meu saint amigó perdera aquela exuberante vida cómica, que fazia da sua conversação como um seguido estalar de foguetes, entendo o céu de festivo ruído, de estrelas quase verdadeiras, de sulcos cor de ouro, onde se iam levados o nosso passado e os nossos "ahs"! deleitados. O seu conversar agora era calmo e liso, desadornado de todos os brilhos intensos dum ei gândola muito leve, dum lucidescimento insinuante, sempre risinho, sempre socavel, e tão naturalmente harmonioso que formaria páginas de uma incomparável prosa, só com ser transcrita, sem necessidade de linhas e arte que o apurasse. A grande obra de Antero, na verdade, foi a sua conversação. O que resta em Patrónicos, Artigos, Ensaios, representa tão incompletamente seu pleno, ríco, povoado, fecundo, espírito, como seca folhas de árvore, em que restam folhas de papel representam um fundo bosque da Flórida. Só os que o escutaram, na intimidade, ficaram conhecendo a prodigiosa abundância, originalidade, finura, profundidade e força do seu pensamento.

A antiquada comparação do "relâmpago" alumbrando subitamente horizontes, campos, estradas, casais, toda uma vastidão de vida e terra que se não suspeitava sob a escuridão, descreve muito graficamente o efeito intelectual de Antero conversando. E o encanto estava em que todo este deslumbramento era produzido com muita simplicidade — quase com humildade.

Tão fortes qualidades morais fundidas numa graça tão ratiante, modos tão suaves e amáveis servindo numa tal energia pensante, faziam de Antero de Quental uma personalidade magnificamente consagradora. No meio da mediocridade de espiritual e da inconsiderada rudeza dos costumes, e do materialismo argentario, os espíritos delicados encontravam na sua intimidade, e mesmo na sua fugida convivência, um repouso semelhante ao que o corpo cansado e pisado do calor, do peso, dos encontros dum dia feira dos dedicados encontravam na frescura e na elevação dum templo.

Antero possuia uma alma, onde na melga e intraduzível expressão de Franza — "il fai trésbom". Por isso todos os intelectuais, que uma vez o encontrassem, lhe conservavam

para sempre um sentimento que era misturado de amor e não dissemelhante da devoção. E tínhamos ainda noce um confortante orgulho, pois bem sentímos que esse homem tão simples, com uma má quinzena de alpaca no verão, um paréto cor de mel no inverno, vivendo como um pobre voluntário num caserio de vilas pobres, sem posição nem fama, sempre ignorado pelo Estado, nunca invocado pelas multidões, era o "elo" rijo, o mais rijo "elo" de fino ouro, que prendia Portugal ao mundo do pensamento. Ora uma nação só vive porque pensa — e pelo que pensa. "Cogitat, ergo est". Naquele humilde, pois, que se comprimiu entre os humildes, estava a mais larga e mais rica sônia da verdadeira vida de Portugal.

Como aquela noite de Coimbra em que o conheci, era também da primavera e de lhe dar a noite de derreira que passamos juntos em Santo Ovídio. De tarde andáramos por sobre os nobres e seculares arvoredos da quinta. Depois ele descansava no meu quarto, estendido na cama, com o seu cigarro como nos tempos escolásticos. Pela varanda, ornada de glicínias, aberta sobre os jardins, entraia frescura, paz, e murmurio dos repuxos dormentes todo o aroma esparso das rosas de maio. Antero amava aquela velha vivenda patrícia, refugio excelente para um eruditão, ou para um magnado da vida que procurasse um eterno ainda ilustrisimo e onde a severidade fosse tisnha. E assim viemos a conversar desta materialidade dos tempos, e estriador das cidades, e exageração da atividade de cerebral, e aspiração das democracias, que começam a empurrar tantos gêneros sensíveis, ou mais imaginativos, para a quicata religiosa e para o Deserto moral. Antero pensava que uma forte reação espiritualista e afetiva se seguiria à materialidade deste duro século utilitário e mercenário; — e, rindo, relembrou a sua antiga Idéia, a fundação da "Ordem dos Mateiros". Estes monges do Idealismo teriam por missão o reconstruir, em todo a sua beleza e dignidade primitiva, a vida rural, a mais elevada, porque imolando toda a civilização suntuária, e portanto todos os apetites e paixões, e necessidades falsas que dela derivam, e reclamando apenas ao seu bocado de terra o seu bocado de pão, conquista socialmente a verdadeira liberdade, e através dela se prepara a atingir espiritualmente a verdadeira perfeição. Mas não era esta a obra melhor dos "Mateiros". Toda essa reorganização do mundo, na forma de queijos e feudos horlos, servia de base a uma alta renovação religiosa. Qual? Antero tendia para uma mistura do Platonismo e do Budismo. Eu preferia que os "Mateiros", relembrando a grande obra de cultura que fez a conversão do Cristianismo Católico em Cristianismo Histórico, a adiantassem, deslocassem o Cristianismo da região da História para a região da Psicologia, removesssem toda a alvoroço eclesiástica e teológica, e descobrissem, revelassem, o ponto verdadeiramente divino o estado da Consciência de Cristo. Tudo isto ocorria muito familiarmente, sem pomposas exegesias ou filosóficas; e terminavam mesmo por escorrer da Filosofia para a Fantasia, organizando a Ordem, os seus estatutos, a sua disciplina, o seu traje, o seu ceremonial. Toda a dificuldade foi que, para esta adorável reconstrução da terra e da humanidade, repercorrendo os nossos amigos, só encontravam três "Mateiros" sérios. E eu próprio, tão dedicado, reclamava já confortos, regalias estéticas, e uma pol-

trona no Deserto. Depois apreciei o Conde de Rende, que a enxada, e ofereceu, para erguer o primeiro mastro, uma das suas terras, Canellas ou Rendeze. A velha quinta de Rendeze parecia a Antero excelente, quasi fazenda para uma das suas terras, Canellas — pois sob os seus historicos arvoredos fôr educado Afonso Henriques, de entre elas saíra a velar a sarmas da Sé de Zamora, e depois, ravelado e fundar o reino cristão. Achaímos a quinta com aspectos fervor. Mas o senhor de Rendeze, a respeito das exigências tão exorbitantes, que pensa — e pelo que pensa. "Cogitat, ergo est". Naquele humilde, pois, que se comprimiu entre os humildes, estava a mais larga e mais rica sônia da verdadeira vida de Portugal.

Ja tarde acompanhei Antero à casa que ele habitava na ruia de Cedofeita. Conversámos sobre os seus planos — porque agora as "pequenas", crescidas, iam sair das Dorotheas, e para instalar no mundo, devia cá repentejar no mundo. Pensava pois em voltar a sua vida a São Miguel, como sejão um mundo mais sereno, mais para mais fácil. Li-lhe para Antero era uma Ninive revoltada e sedida. Diante da sua porta aberta ainda nos retorcemos em pensamentos ligados da vida e da sorte. Por fim — "Aless Santo Antero!" — Vello amigo, adeus! Ele mergulhou imediatamente na sombra do corredor. E não o vi mais nunca mais!

Foi para São Miguel, para o seu mundo mais doce, mais felicíssimo. Depois, uma tarde, em que Filósofo Domonix, de quem fala Luciano, "concluiu que a vida lhe não convinha, saiu dela voluntariamente, e por isso muito deixou que passar e murmurou aos homens da terra a Grécia". O que ele pensam os homens da nossa Grécia não o sei — pois que ne ha muito — na nossa "terra", uma spagada tristeza traz os homens desatentos e caídos. E morta, é morta a abelha que fazia o mel e a cera! Quem se nutre ainda do gesto mel? Quem se alivia com a para cera? Por mim penso, e com gratidão, que, em Antero de Quental, me foi dado encontrar neste mundo de pecado e de escuridão, alguém, filho querido de Deus, que muito pensou, e muito amou, porque muito compreendeu, e que sempre entre os simples pondo a sua vasta alma em curtos versos — era um Génio e era um Fanto.

A FE'

Antero de Quental

... não tens a Fé. A Fé não só patrimônio do cristão, baixa também a Fé Filosófica idealista, que pelo menos é tua herdeira tu es Positivista, não geras Germano, Pobre Filósofo, essa, e fraco apelo! Que tua medeira que tu padeces eres! Eras orgulhosa, razão e paixão humildade-lhe num ato de sentimento intenso: é preciso também chorar, e amar aquilo mesmo que nos faz chorar. Entende-se em "nós uma ra", que não é a da razão, nem forte ou sonora, mas mísica, e sobretudo mais consolidada: Isto tenho feito e pago, e não de sezo que o fazem também. (De uma carta a Germânia Meyrelles. Transcrição de Antônio Sergio, in Notas sobre Antero de Quental, pag. 95).

EVOCACAO DE ANTERO DE QUENTAL -- D. MILANO

Que estranho destino, ser poeta! Olhemos demoradamente o retrato de um desses homens aparte; estudemos tudo quanto há de nascido e atendo nessas cabeças sempre belas, mesmo quando se trate de indivíduos doentios ou defetuosos. "O meu nome é o da imaginação", dirão esses olhos acostumados ao vazio; a fronte encaracolada de um Byron ou esculpida de um Homero exprimida a tortura dos pensamentos arrancados com violência, ou a serenidade aparente de uma pedra encanecida pelo correr do tempo; a boca terá a expressão das palavras que nos correm ditas mas escritas e a marca dos betos mal roçados das ambições imaginárias mas reais que povoaram com suas paixões o mundo interior sem leis nem fronteiras. E' o desgraçado feito, o homem em estado de sonho que enfrenta uma realidade de dor. O que não impede que um ou outra poeta tenha e continue de se considerar realista. Antero de Quental responde para nós o tipo do poeta completo e perfeito.

Sem pausar a humildade do santo nem o cinismo do ceticista, o poeta persegue a ideia de Deus, porque não há pensamento que afinal não se dirija para o incognoscível seja para afirmá-lo ou para negá-lo; e não pensar em Deus é apanhado por ele que não pensam em nada, daqueles cérebros que o pensamento deixou rastros e entregues às suposições do nada das apocalipses. Extrípida a ideia de Deus ter-se-á extirpado do cérebro a razão de pensar. Mesmo sendo ateu, o poeta sente que em seu crânio vacila uma Imagem difusa e furta-luz, como uma calha de mármore transparente, porém quebrada em várias pedras espalhadas pelo chão da sala.

Desse desespero impotente e inconfessável que nasce em alguns poetas, contrariando estranhamente o seu caráter "serio", o sutil "humour" que na boca de um poeta lembra sempre o riso da caveira. Não há poeta alegre, não há poeta giro.

Foi tanto esforço, tanto sacrifício sem paga (veja-se a vida interior de Camões com seus amores e heroismos, a existência tragicóide de um Poe, a macilenta suicida de um Alvarés de Arredondo, e mesmo nos poetas mais mediocres a tragédia de um bom faltado e insubstituível) tanto esforço e sacrifício só podendo um castigo impôr a homens que, por um sentido muito da liberdade, ou melhor, de libertação, tanto se afastam da realidade social.

Muitas vezes, comigo mesmo, tenho pensado no vario, na faceta, na exparsa beleza morta e não lida da poesia universal. Cheguei mesmo a empregar contra tudo isso uma expressão que desdrisse e ridicularizasse esse vaguear imaginário, ou no contrário ela ainda mais confunde e emaranha as expressões de Caraminholas.

Devo, a vida eterna, a imortalidade da alma? Caraminholas... A glória, o inesquecível amor, um sentido mais puro da vida? Caraminholas... A igualdade entre os homens, a glória dos nobres, o ideal poético? Caraminholas... O refúgio na finitude, o pessimismo sorriente dos célicos ou o contrário a te ocidente, os jochos na terra, a aceitação do sofrimento concreto e a grande recompensa final? Caraminholas...

Porém aquela que posse caraminholas na cabeça deve cultuar, amarosamente como quem coleciona arquideas. Sinto o resultado pode ser fatal. Ninguém conseguirá extinguir de um céu predomínio a estranha proliferação.

Consideremos o terrível momento poético que resultou no suicídio de Antero de Quental.

"Santo Antero", assim era chamado. Santo suicida, que marcou levando para o nada a ideia perdida de Deus. Seus olhos (atenho diante o seu retrato) tem um sombrio ardor. Entra na sua barba profética, as palavras deviam sair como de bicos invictos, ditadas talvez por um espírito que o dominava e que ele jamais conseguiria tornar visível a si mesmo. Contemplando a sua cabeça paternal, penso na bala suicida que deitou por terra aquele ninho de poemas. E evoco o seu belo soneto "A Virgem", cujos versos inaudíveis, que ficou para sempre gravados na memória, tem o sabor das refeições aprendidas na infância:

Num sonho todo jeito de incerteza
De natureza e indizível ansiedade,
E' que eu vi si teu olhar de piedade
E (mais que piedade) de tristeza...
Não era o vulgar brilho da beleza
Nem a ardor banal da mocidade...
Era outra luz, era outra suavidade,
Que até nem sei se as há na natureza...
Um místico sofrer... uma ventura
Peito so do perdão, só de ternura
E da paz da nossa hora derradeira.
O' visão, visão trioste e piedosa!
Fite-me assim calada, assim chorosa...
E deixa-me sonhar a vida inteira!

Louvor de Santo Antero

Votos de longas solidões sem frutos
Ao reflexo de extintos universos
Os trágicos segredos de teus versos
Santificam a morte dos minutos.

Ilusões, vaidades, ambições e lutas
Na sombra sem caminho elos dispersos
E a alma vem dos encontros mais adversos
Condenada a criar novos redutos,

Desputando uma essência nunca vista
Nas ambigüas versões do bem e mal.
Guardas somente a mácula de perdê-las.

Mas à noite — e é a última conquista —
Buseam teus olhos de águia sideral
A divina tristeza das estrelas.

TRISTAO DA CUNHA

DESTINO DE POETA

Manuel Bandeira
(Da Academia Brasileira)

A esposa de um seu amigo, vendendo-a certo dia brincar muita paciência com as crianças, exclamou para o marido enternecidamente: Santo Antero! Santo Antero!

Era de Queiroz chamou-lhe "um gênio que era um santo".

Guerra Junqueiro escreveu que "não havia em perme, um santo, um filósofo e um herói".

Todos admiraram em Antero de Quental o filósofo, o santo, o poeta. Mas todos sentiram que o verdadeiro destino dela era a poesia.

Todos, menos ele. Quando perdeu aquilo a que chamou "os seus cristais de Poeta" — os cristais eram a fé, a crença, a confiança — julgou encontrar na ideia da Revolução aquilo que o seu temperamento mistico pedia. A desilusão, porém, não tardou. Deixou de ser revolucionário? Não. Mas a bela imagem da justiça social, entrevista na sua idealidade, transportou-a de lá para os mais alás, cidades para não serem serranas". Isso é, transportou-a para os domínios da poesia:

Lá, por onde se perde a fantasia
No sonho da beleza, lá onde
A noite tem mais luz que o nosso dia...

Na crise de consciência, em que, diante de m mundo deserto de deuses, só via a ilusão e o vazio universal", aquela paquenina voz que protestava e afirmava o Bem, incitava-o, cada vez mais de modo absorvente, a meditar sobre o destino do homem e do universo.

A meditação foi uma longa luta, e o combatente só descanhou ao se considerar senhor de um sistema.

Esse poeta que confessou por escrito nunca ter pretendido ser poeta, que, nos últimos anos da existência, verdadeiramente só presava de toda a sua obra literária meia dúzia de sonetos, dos últimos, os únicos que lhe pareciam ter "a nota exata e só", esse poeta, esse imenso poeta considerava-se candidamente, porque era um poeta, considerava-se um filósofo, e que filósofo! o que teria divulgado "a direção definitiva do pensamento europeu, o Norte para onde se inclina a dinâmica dessas do espírito humano". E estava certo de que o progresso das ciências físicas, qualquer que ele fosse, havia de fazer dentro do quadro do seu sistema e não viria sendo confirmar, cada vez mais, a solidez indistrutível da sua construção!

Foi a única ilusão com que desceu do encantado Palácio.

Não queria ser poeta, quando tudo isso gritava que o era, e com que grandezza!

"Não pretendo fazer uma obra literária, mas outra coisa a que dou mais valor", escreveu a um amigo, a propósito dos "Sonetos Completos". "Meli neles", falava dos sonetos da última fase, "o melhor da minha filosofia, a esperá-la dia em que a possa desenvolver largamente a em sua prosa".

Ora, a Antero se pode aplicar o que recentemente um crítico francês disse de Volery, a saber, num e noutra encontramos no mais alto grau a característica mesma dos poetas, que é pensar por imagens, antítese da faculdade filosófica. Na sua imaginação, aquela imaginação que ele dizia, repelindo um verso de João de Deus, ser o seu tormento ("Esta imaginação é o meu tormento..."), ao que nós podemos acrescentar que foi também a sua glória, na sua imaginação soberanamente plástica as idéias mais abstratas se transmudavam de subito, ao toque da emoção, em radiosas visões arquiteturais ou esculturais, plasmavam-se por encanto os fantomas em matérias polissintéticas, cujas

lágrimas ardentes
Caíam lentamente sobre o mun-

do...

E o próprio Nôo-ser assumiu, no final de um soneto, a eternidade granítica do "Ser único absoluto".

Debalde a razão do filósofo tentava como que aniquilar o mundo natural.

Ou pela negação pura e sim-

plies, na fase pessimista, em que

... voltando em redor olhos ab-

ertos,

O mundo pareceu-lhe uma visão

Ilusão,

E a luz do sol como um luar de

mortos.

Como um espectro dum mundo

lúgubre,

Um farapo de mundo, nevoento

Ruina aérea que sacode o vento,

Sem cor, sem consistência, sem

iconjunto...

Gu, na fase final de serenidade,

pelo que ele mesmo chama

de "Panpsiquismo", pro-

cesso de evolução segundo o

qual o universo gravitaria obs-

curamente, inconscientemente,

por um estado psicológico puro.

Mas atrás do filósofo estava

sempre o poeta. O poeta que,

maior que o filósofo, dominando

o filósofo, ia recriando o mundo

natural, assim destruído, ia-o

recriando em formas imperfei-

tas; o poeta que, por aquela

atitude de humorismo trans-

cenrente, para me servir da ex-

pressão de Oliveira Martins, ja-

tinha falado os deuses, negados pelo

filósofo, e bendizia a Razão "de

hábil mortal mais do que a peste", e se quedava a sonhar

aos pés da Virgem Santíssima,

chega de graça, Mãe da Misericórdia...

De sorte que, no momento

preciso em que as Formas, fi-

lhas da Ilusão, caíam desfeitas

nos olhos do filósofo, nesse mes-

mo momento o poeta as recom-

panha na consciência para a vi-

da da eternidade,

E não foi só isso. Na verdade

o filósofo só subiu aíolar pás

boca do poeta. Falar, que digo

eu, pensar. A obra de Antero

de Quental, mais que nenhuma

outra talvez testemunha que a

poesia, como toda arte, é em

suma instrumento de conhecer

intuitivamente o homem e o

universo. Donda partiu Quental

para chegar a solução que o

deixou liberto e adormecido no

nde de Deus, na sua mão direita

— não sei que voz que eu mes-

mo desconheço", assim se ex-

primiu em verso, e em carta a

seu amigo Fernando Leal: "No

fundo do coração há uma voz

humilde mas que nada faz car-

car, protestar, a dizer-lhe que

— não sei que voz que eu mes-

mo desconheço", assim se ex-

primiu em verso, e em carta a

seu amigo Fernando Leal: "No

fundo do coração há uma voz

humilde mas que nada faz car-

car, protestar, a dizer-lhe que

— não sei que voz que eu mes-

mo desconheço", assim se ex-

primiu em verso, e em carta a

seu amigo Fernando Leal: "No

fundo do coração há uma voz

humilde mas que nada faz car-

car, protestar, a dizer-lhe que

— não sei que voz que eu mes-

mo desconheço", assim se ex-

primiu em verso, e em carta a

seu amigo Fernando Leal: "No

fundo do coração há uma voz

humilde mas que nada faz car-

car, protestar, a dizer-lhe que

— não sei que voz que eu mes-

mo desconheço", assim se ex-

primiu em verso, e em carta a

seu amigo Fernando Leal: "No

fundo do coração há uma voz

humilde mas que nada faz car-

car, protestar, a dizer-lhe que

— não sei que voz que eu mes-

mo desconheço", assim se ex-

primiu em verso, e em carta a

seu amigo Fernando Leal: "No

fundo do coração há uma voz

humilde mas que nada faz car-

car, protestar, a dizer-lhe que

— não sei que voz que eu mes-

mo desconheço", assim se ex-

primiu em verso, e em carta a

seu amigo Fernando Leal: "No

fundo do coração há uma voz

humilde mas que nada faz car-

car, protestar, a dizer-lhe que

— não sei que voz que eu mes-

mo desconheço", assim se ex-

primiu em verso, e em carta a

seu amigo Fernando Leal: "No

fundo do coração há uma voz

humilde mas que nada faz car-

car, protestar, a dizer-lhe que

— não sei que voz que eu mes-

mo desconheço", assim se ex-

primiu em verso, e em carta a

seu amigo Fernando Leal: "No

fundo do coração há uma voz

humilde mas que nada faz car-

car, protestar, a dizer-lhe que

— não sei que voz que eu mes-

mo desconheço", assim se ex-

primiu em verso, e em carta a

seu amigo Fernando Leal: "No

fundo do coração há uma voz

humilde mas que nada faz car-

car, protestar, a dizer-lhe que

— não sei que voz que eu mes-

mo desconheço", assim se ex-

primiu em verso, e em carta a

seu amigo Fernando Leal: "No

fundo do coração há uma voz

humilde mas que nada faz car-

car, protestar, a dizer-lhe que

— não sei que voz que eu mes-

mo desconheço", assim se ex-

primiu em verso, e em carta a

seu amigo Fernando Leal: "No

fundo do coração há uma voz

humilde mas que nada faz car-

car, protestar, a dizer-lhe que

— não sei que voz que eu mes-

mo desconheço", assim se ex-

primiu em verso, e em carta a

seu amigo Fernando Leal: "No

fundo do coração há uma voz

humilde mas que nada faz car-

car, protestar, a dizer-lhe que

— não sei que voz que eu mes-

mo desconheço", assim se ex-

primiu em verso, e em carta a

seu amigo Fernando Leal: "No

fundo do coração há uma voz

humilde mas que nada faz car-

car, protestar, a dizer-lhe que

— não sei que voz que eu mes-

mo desconheço", assim se ex-

primiu em verso, e em carta a

seu amigo Fernando Leal: "No

fundo do coração há uma voz

humilde mas que nada faz car-

car, protestar, a dizer-lhe que

— não sei que voz que eu mes-

mo desconheço", assim se ex-

primiu em verso, e em carta a

seu amigo Fernando Leal: "No

fundo do coração há uma voz

humilde mas que nada faz car-

car, protestar, a dizer-lhe que

— não sei que voz que eu mes-

mo desconheço", assim se ex-

primiu em verso, e em carta a

seu amigo Fernando Leal: "No

fundo do coração há uma voz

humilde mas que nada faz car-

car, protestar, a dizer-lhe que

— não sei que voz que eu mes-

mo desconheço", assim se ex-

OS SONETOS DE

IGNOTO DEO

Que beleza mortal se te assemelha,
O sonhada visão desta alma ardente,
Que reflete em mim teu brilho ingente
Lá como sobre o mar o sol se espelha?

O mundo é grande — e esta Anáia me aconselha
A buscar-te na terra: e eu, pobre crente,
Pelo mundo procura um Deus elemente,
Mas atra só te encontro... tua e velha...

Não é mortal o que eu em ti adoro,
Que és tu aqui? olhar de piedade,
Gota de mel em taça de venenos...

Pura essência das lágrimas que choro
E sonho dos meus sonhos! se es verdade,
Descobre-te, visão, no céu ao menos!

LAMENTO

Um dilúvio de luz cai da montanha:
Eis o dia! eis o sol! o esposo amado!
Onde há por toda a terra um só cuidado?
Que não dissipe a luz que o mundo banha?

Fior a custo medrada em erma penha,
Revoltó mar ou golfo congelado,
Aonde há ser de Deus tão esquecido
Para quem paz e alívio o céu não tenha?

Deus é Pai! Pai de toda a criatura.
A todo o ser o seu amor assiste;
De seus filhos o mal sempre é lembrado...

Ah! se Deus a seus filhos dá ventura
(Nesta hora santa...) e eu só posso ser triste...
Seré filho, mas filho abandonado!

TORMENTO DO IDEAL

Conheci a Beleza que não morre
E fiquei triste. Como quem da serra,
Mais alta que haja, olhando aos pés a terra
E o mar, vê tudo, a maior nau ou torre.

Minguar, fundir-se, sob a luz que jorre;
Assim eu vi o mundo e o que ele encerra
Perder a cor, bem como a nuvem que erra
Ao por do sol e sobre o mar discorre.

Pedindo à forma, em vão, a idéia pura,
Tropego, em sombras, na matéria dura,
E encontro a imperfeição de quanto existe,

Recebi batismo dos poetas,
E assentado entre as formas incompletas
Para sempre fiquei pálido e triste

ASPIRAÇÃO

Meus dias vão correndo vagarosos
Sem prazer e sem dor, e até parece
Que o fogo interior já desfalece
E vacila com raios duvidosos.

E' linda a vida e os anos são formosos,
E nunca ao peito amante o amor falece...
Mas, se a beleza aqui nos aparece,
Logo outra lembra de maiores gozos.

Minhalma, ó Deus! a outros céus aspira;
Se um momento a prenhe mortal beleza,
E' pela eterna pátria que suspira...

Porem do pressentir dá-me a certeza,
Da-mal e sereno, embora a dor me fira.
Eu sempre bendirei esta tristeza!

À FLORIDO TELES

Se comparo poder ou ouro ou fama,
Venturas que em si tem oculto o dano,
Com aquele outro afeto soberano,
Que amor se diz é é luz de pura chama,

Vejo que são bem como arteira dama,
Que sob honesto risco esconde o engano,
E o que as segue, como homem leviano
Que por um vão prazer deixa quem o ama.

Nasce do orgulho aquele estéril gozo
E a glória dele é coisa fraudulenta,
Como quem na validade tem a palma:

Tem na paixão seu brilho mais formoso
E das paixões também some-o a tormenta...
Mas a glória do amor... essa vem dalmá!

PSALMO

Esperemos em Deus! Ele há tomado
Em suas mãos a massa inerte e fria
Da matéria impotente e, num só dia,
Luz, movimento, ação, tudo lhe há dado.

Ele, ao mais pobre de alma, há tributado
Desvelo e amor: ele conduz à via
Segura quem lhe foge e se extravia,
Quem pela noite andava desgarrado.

E a mim, que aspiro a ele, a mim, que o amo,
Que anseio por mais vida e maior brilho,
Há-de negar-me o termo deste anseio?

Buscou quem o não quis; e a mim, que o chamo,
Há-de fugir-me, como 't ingrato filho?
Ó Deus, meu pai e abrigol! espero... eu creio!

À M. C.

No céu, se existe um céu para quem chora,
Céu, para as mágoas de quem sofre tanto...
Se é lá do amor o foco, puro e santo,
Chama que brilha, mas que não devora...

No céu, se uma alma nesse espaço mora,
Que a prece escuta e enxuga o nosso pranto...
Se há Pal, que estenda sobre nós o manto
Do amor piedoso... que eu não sento agora...

No céu, ó virgem! findarão meus ma...
Hei-de lá renascer, eu que pareço
Aqui ter só nascido para dores.

Ali, ó lírio dos célestes vales!
Tendo seu lím, terão o seu começo,
Para não mais findar, nossos amores.

À ALBERTO TELES

Só! — Ao ermitaño sózinho na montanha
Visita-o Deus e dá-lhe confiança:
No mar, o nauta, que o tutão balança,
Espera um sopro amigo que o céu tenha...

Só! — Mas quem se assentou em riba estranha,
Longe dos seus, lá tem lida a lembrança;
E Deus deixa-lhe no menos a esperança
Ao que é noite solitária em erma' penha...

Só! — Não o é quem na dor, quem nos cansaço,
Tem um laço que o prende a este fadado,
Uma crença, um desejo... einda um cuidado...

Mas cruzar, com desdém, inertes bragos,
Mas passar, entre turbas, solitário,
Isto é ser só, o ser abandonado!

A GERMANO MEIRELLES

Só males são reais, só dor existe;
Prazeres só os gera a fantasia;
Em nada, um imaginar, o bem consiste,
Anda o mal em cada hora e instante e dia.

Se buscamos o que é, o que devia
Por natureza ser não nos assiste;
Se fiamos num bem, que a mente cria,
Que outro remédio há ai senão ser triste?

Oh! quem tanto pudera, que passasse
A vida em sonhos só, e nada vira...
Mas, no que se não vê, labor perdido!

Quem forá tão difuso que olvidasse...
Mas nem seu mal com ele então dormira,
Que sempre o mal pior é ter nascido!

À M. C.

Não busco nesta vida glória ou fama:
Das turbas que me importa o vao ruído?
Hoje, deus... e amanhã, já esquecido
Como esquece o clarão de extinta chama;

Foco incerto, que a luz já mal derrama,
Tal é essa ventura: eco perdido,
Quanto mais se chamou, mais escondido
Ficou inerte e mudo à voz que o chama.

Dessa coroa é cada flor um engano,
E' miragem em nuvem ilusória,
E' mote vao de fabuloso arcano.

Mas coroa-me tu; na fronte inglória
Cinge-me tu o louro soberano...
Verás, verás então se amo essa glória!

DESESPERANÇA

Vai-te na asa negra da desgraça,
Pensamento de amor, sombra duma hora,
Que abraçei com delírio, vai-te, embora,
Como nuvem que o vento impele... e passa.

Que arrojemos de nós quem mais se abraça,
Com mais ânsia, à nossa alma! e quem devora,
Dessa alma o sangue, com que mais vigora,
Como amigo comungue à mesma toca!

Que seja sonha apenas a esperança,
Enquanto a dor eternamente assiste,
E só engane nunca a desventura!

Se em silêncio sofrer fora vingança...
Envolve-te em ti mesma, ó alma triste,
Talvez sem esperança haja ventura!

BEATRICE

Depois que dia a dia, aos poucos desmalando,
Se foi a nuvem dourado ideal que eu vira erguida;
Depois que vi descer, baixar no céu a vida
Cada estrela e fiquei nas trevas laborando;

Depois que sobre o peito os braços apertando
Achei o vazio só, e tive a tua sumida;
Sem ver já onde olhar, e em todo vi perdida
A flor do meu jardim, que eu mais andei regando;

Retirei os meus pés da senda dos abrolhos,
Virei-me a outro céu, nem ergo já meus olhos
Benão à estrela ideal, que a luz damor contem...;

Não temos pois — Oh vem! o céu é puro, e calmo
E silenciosa a terra, e doce o mar, e a alma...
A alma! não a vés tu? mulher, mulher oh veia!

AMOR VIVO

Amar! mas dum amor que tenha vida...
Não sejam sempre timidos harpejos,
Não sejam só delírios e desejos
Duma doida cabreia escandecida...

Amor que viva e brilhe luz fundida
Que penetre o meu ser — e não só beijos
Dados no ar — Delírios e desejos —
Mas amor... dos amores que tem vida...

Sim, vivo e quente! e já a luz do dia
Não virá dissipá-lo nos meus braços
Como névoa da vaga fantasia...

Nem murchará do sol a chama erguida...
Pois que podem os astros dos espacos
Contra uns debeit amores... se tem vida?

VISITA

Adornou o meu quarto a flor do cardo,
Perfumel-o de almíscar recendente;
Vesti-me com a purpura fulgente,
Ensaiando meus cantos, como um bardo;

Ungi as mãos e a face com o nardo
Crescido nos jardins do Oriente,
A receber com pompa, dignamente,
Misteriosa visita a quem aguardo.

Mas que filha de reis, que anjo ou que fada
Era essa que assim a mim descia,
Do meu escerbre à úmida poussada?

Nem princesas, nem fadas. Era, flor,
Era a tua lembrança que batia
As portas de ouro e luz do meu amor!

PEQUENINA

Eu bem sei que te chamam pequenina
E têm como o vêu solto na dança,
Que és no juizo apenas a criança,
Pouco mais, nos vestidos, que a menina...

Que és o regato de água mansa e fina,
A folhinha do til que se balança,
O peito que em correndo logo cança,
A fronte que ao sofrer logo se inclina...

Mas, filha, lá nos montes onde andei,
Tanto me enchi de angústia e de risco
Ouvindo do infinito os fundos ecos,

Que não quero impor nem já ser ref
Senão tendo meus reinos em teu seio
E subditos, criança, em teus bonecos!

ANTERO DE QUENTAL

A SULAMITA

Ego dormio, et cor meum vigilat
Cântico dos Cânticos

Quem anda lá por fora, pela vinha,
Na sombra do luar meio encoberto,
Sob os passos e espreitando incerto,
Com brando respirar de criancinha?

Um sonho me acordou... não sei que tinha...
Parcei-me senti-lhe aqui tão pertinho...
Só na alta noite, seja num deserto,
Quem amá até em sonhos adivinha...

Mesas da minha terra, ao meu amado
Correi, dizei-lhe que eu dormia agora,
Mas que pode ir contente e descansado,

Pois se tão cedo adormeci, conforme
E' meu costume, olhai, dormiu embora,
Porque o meu coração é que não dorme...

SONHO ORIENTAL

Sonho-me às vezes rei, alguma lila,
Muito longe, nos mares do Oriente,
Onde a noite é balsâmica e fulgente
E a lua cheia sobre as águas brilha...

O aroma da magnólia e da baunilha
Pára no ar diafano e dormente...
Lembra a orla das flores, vagamente,
O mar com finas ondas de escumilhão...

E enquanto eu na varanda de marfim
Me encosto, absorto num sonhar sem fim,
Tu, meu amor, divagas ao luar,

Do profundo jardim pelas clarorras,
Ou descansas debaixo das palmeiras
Tendo aos pés um leão familiar.

IDILIO

Quando nós fomos ambos, de mãos dadas,
Colhermos vales líricos e bonitos,
E jalgamos dum fôlego as colinas
Dos rocos da noite India orvalhada;

Ou, vendo o mar, das ermas cumidas,
Contemplamos as nuvens vesperinas,
Que parecem fantásticas ruínas
Ao longe, no horizonte, amontoadas;

Quantas vezes, de súbito, emudecemos!
Não sei que luz no teu olhar flutua;
Sinto tremer-te a mão, e empalideces...

O vento e o mar murmuram orações,
E a poesia das coisas se insinua
Lenta e amorosa em nossos corações.

NOTURNO

Esprito que passas, quando o vento
Adormece no mar e surge a luna,
Minho esquivo da noite que flutua,
Tu só entendes bem a meu tormento...

Como um canto longínquo — triste e lento —
Que vague e sutilmente se insinua,
Sobre o meu coração, que tumultua,
Tu vistes pouco a pouco o esquecimento...

A ti confio o sonho em que me leva
Um instanto de luz, rompendo a treva,
Buscando, entre visões, o eterno Bem.

E tu entendes o meu mal sem nome,
A febre de Ideal, que me consome,
Tu só, Génio da Noite, e mais ninguém!

ABNEGAÇÃO

Chovam rios e rosas no teu colo!
Chovam himos de glória na tua alma!
Hinos de glória e adoração e calma,
Meu amor, minha pomba e meu consolo!

Dé-te estrelas o céu, flores o solo,
Cantos e aroma o ar e sombra a palma,
E quando surge a luna e o mar se acalma,
Só tu sem fim seu preguiçoso rolo!

E nem siquer te lembras de que eu choro...
Esquece só, esquece, que te adoro...
E os passares por mim, sem que me olhes,

Possam das minhas lágrimas cruéis
Nascer sob os teus pés flores fétias,
Que pisas distraida ou rindo esfolhest!

APARIÇÃO

Um dia, meu amor (e talvez cedo,
Que já sinto estalar-me o coração!)
Recordarás com dor e compaixão
As ternas juras que te fiz a medo...

Então, da casta alcova no segredo,
Da lamparina ao tremido clarão,
Ante ti surgirei, espetro vago,
Larva fugida ao sepulcro degradado...

E tu, meu anjo, ao ver-me, ente gemidos
E aflições alas, estenderás os braços
Tentando segurar-te nos meus vestidos...

— "Ouve! esperai!" — Mas eu, sem te escutar,
Fugirei, como um sonho, os teus abraços
E como fumo sumir-me-ei no ar!

MAE..

Mae — que adormente este viver dorido,
E me vele esta noite de tal frio,
E com as mãos piedosas até o Rio
Do meu pobre existir, meio partido...

Que me leve consigo, adormecido,
Ao passar pelo sítio mais sombrio...
Me banhe e leve a alma lá no Rio
Da clara luz do seu olhar querido...

Eu dava o meu orgulho de homem — dava
Minha esteril ciência, sem receio,
E em debê criancinha me tornava.

Desculpada, feliz, docil também,
Se eu pudesse dormir sobre o teu seio,
Se tu fosses, querida, a minha mãe!

NA CAPELA

Na capela, perdida entre a folhagem,
O Cristo, ali no fundo, agonisava...
Oh! como intimamente se casava
Com minha dor a dor daquela imagem!

Filhos ambos do amor, igual miragem
Nos roçou pela fronte, que escaldava...
Igual tristeza, que o afeto mascarava,
Nos deu suplício às mãos da vilanagem...

E agora, ali, em quanto da floresta
A sombra se infiltrava lenta e mesta,
Vencidos ambos, martírios do Fado,

Fitavam-nos mudos — dor igual! —
Nem, dos dois, saberá dizer-vos qual
Mais pacífico, mais triste e mais cansado...

VELUT UMBRA

Fuzo e cismo. Os castelos do horizonte
Engenham-se, à tarde, e crescem, de mil cores,
E era espalham no céu vivos ardores,
Ora fumam, vulcões de estranho monte...

Depois, que formas vagas veem defronte,
Que parecem sonhar loucos amores?
Almas que vão, por entre luz e horrores,
Passando a barca desse aéreo Acheronte...

Apago o meu charuto quando apagas
Teu facho, oh sol... ficamos todos sós...
E' nessa solidão que me consumol

Oh! nuvens do Ocidente, oh cousas vagas,
Bem vos entendo a cor, pois, como a vós,
Beleza e altura se me vão em fumo!

MEA CULPA

Não duvido que o mundo no seu eixo
Circunsponso e volva em harmonia;
Que o homem suba e vá da noite ao dia,
E a humanidade subindo inseto e seixo.

Não chamo a Deus tirano, nem me queixo,
Não chamo ao céu da vida noite fria;
Não chamo à existência hora sombria;
Acaso, à ordem; nem à lei desleixo.

A Natureza é minha mãe ainda...
E' minha mãe... Ah, se eu à face Linda
Não sei sorrir; se estou desesperado;

Se não há que me aqueça esta frieza;
Se estou cheio de fel e de tristeza...
E de crer que só eu seja o culpado!

O PALACIO DA VENTURA

Senho que sou um cavaleiro andante,
Por desertos, por sós, por noite escura,
Paladino do amor, busco anhelante
O palácio encantado da Ventura!

Mas já desmaio, exausto e vacilante,
Quebrada a espada já, rota a armadura...
E sis que súbito o avisto, fulgurante
Na sua pompa e aérea formosura!

Com grandes golpes bato à porta e brade:
Eu sou o Vagabundo, o Desherdado...
Abri-vos, portas douro, ante meus aist

Abrem-se as portas douro, com fragor...
Mas dentro encontro só, cheio de dor,
Silêncio e escuridão — e nada mais!

IDEAL

Aquela, que eu adoro, não é feita
De lirios nem de rosas purpurinas,
Não tem as formas languidas, divinas
Da antiga Venus de cintura estreita...

Não é a Circe, cuja mão suspeita
Compõe filtros mortais entre ruínas,
Nem a Amazona, que se agarra às crinas
Dum corel e combate satisfactoria...

A mim mesmo pergunto, e não atino
Com o nome que dê a essa visão,
Que ora amostra ora esconde o meu destino...

E' como uma miragem, que entreveja,
Ideal, que nasceu na solidão,
Nuvem, sonho impalpável do Desejo...

ENQUANTO OUTROS COMBATEM

Empunhasse eu a espada dos valentes!
Impelisse-me a ação, embriagado,
Por esses campos onde a Morte e Fado
Dão a loi aos reis trémulos e às gentes!

Respiraram meus pulmões contentes
O ar de fogo do circo ensanguentado...)
Ou cairia radioso, amortalhado
Na fulva luz dos gladios reluzentes!

Já não veria dissipar-se a aurora
De meus inutiles anos, sem uma hora
Viver mais que de sonhos e ansiedades!

Já não veria em minhas mãos piedosas
Desfolhar-se, uma a uma, as tristes rosas
Desta pálida e estéril mocidade!

DESPONDENCY

Deixa-la ir, a ave, a quem roubaram
Ninho e filhos e tudo, sem piedade...
Que a leve o ar sem fim da solidade
Dnde as azas partidas levaram...

Deixa-la ir, a veia, que arrojaram
Os turbos pelo mar, na escuridão,
Quando a noite surgiu da imensidão,
Os ventos do Sul se levantaram...

Deixa-la ir, a alma lastimosa,
Que perdeu fé e paz e confiança,
A morte queda, à morte aíle neciosa...

Deixa-la ir, a nota desprendida
Dum canto extremo... e a última esperança...
E a vida... e o amor... deixa-la ir, a vital

METEMPSICOSE

Ardentes filhas do prazer; dizei-me!
Vossos sonhos quais são, depois da orgia?
Acaso nunca a imagem fugida.
Do que fostes, em vós se agita e freme?

Noura vida e outra esfera, donde gêmea
Outro vento, e se acende um outro dia,
Que corpo tinheis? que matéria fria
Vossa alma incendiou, com fogo estremo?

Vossas festas nas florestas bravas feras,
Arrastando, ledas ou panteras,
De dentadas de amor um corpo exangue...

Mordei pola esta carne palpita,
Feras feitas de gaze flutuante...
Lobas! lobas! alii, bebel meu sangue!

OS SONETOS DE

A UM CRUCIFIXO

Lendo, passados 12 anos, o soneto da parte 1^a que tem o mesmo título

Não se perdeu seu sangue generoso,
Nem padeceste em vão, quem quer que foste,
Piebeu antigo, que amarrado ao poste
Morreste como vil e facioso.

Desse sangue maldito e ignominioso
Surgiu armada uma invencível hoste...
Paz aos homens e guerra aos deuses! — pôs-te
Em vão sobre um altar o vulgo ocioso...

Do pobre que protesta foste a imagem:
Um povo em ti começa, um homem novo:
De ti data essa trágica linhagem.

Por isso nós, a Plebe, ao pensar nisto,
Lembraremos, herdeiros desse povo,
Que entre nossos avós se conta Cristo.

DIALOGO

A cruz dizia à terra onde assentava,
Ao vale obscuro, ao monte aspero e mudo;
— Que é tu, abismo e jaula, aonde tudo
Vive na dor e em luta cega e brava?

Sempre em trabalho, condenada escrava,
Que fazes tu de grande e bom, contado?
Resignada, és só lodo informe e rudo;
Revoltosa, és só fogo e horrídia lava...

Mas a mim não há alta e livre serra
Que me possa igualar... amor, firmeza,
Sou eu só: sou a paz, tu és a guerra!

Sou o espírito, a luz!... tu és tristeza,
Oh! lodo escuro e vil!... Porem a terra
Respondeu: Cruz, eu sou a Natureza!

MAIS LUZ!

(A Guilherme de Azevedo)

Amem a noite os magros erupulosos,
E os que sonham com virgens impossíveis,
E os que se inclinam, mudos e impassíveis,
A borda dos abismos silenciosos...

Tu, luta, com teus raios vaporosos,
Cobre-os, tapa-os e torna-as insensíveis,
Tante aos vícios cruéis e inextinguíveis,
Como aos longos cuidados dolorosos!

Eu amarei a santa madrugada,
E o meio-dia, em vida referendo,
E a tarde rumorosa e repousada.

Viva e trabalhe em plena luz: depois
Seja-me dado ainda ver, morrendo,
O claro sol, amigo dos heróis!

PALAVRAS DUM CERTO MORTO

Há mil anos, e mais, que aqui estou morto,
Posto sobre um rochedo, à chuva e ao vento:
Não há como eu esperar macilento,
Nem mais disforme que eu nenhum aborto...

Se o espírito vive: vela aborto
Num fixo, inexorável pensamento:
"Morto, enterrado em vida!" o meu tormento
E' isto só... do resto não me importo...

Que vivi sei-o eu bem... mas foi um dia,
Um dia só — no outro, a Idiotaria
Deu-me um altar e um culto... ali adoraram-me,

Como se eu fosse alguém! como se a Vida
Fodesse ser alguém! — logo em seguida
Disseram que era um Deus... e amortalharam-me!

A UM POETA

Surge et ambula!

To, que dormes, espírito sereno,
Posto à sombra dos cedros seculares,
Como um seita, à sombra dos altares,
Longe da luta e do fragar terreno,

Acorda! é tempo! O sol, já alto e pleno,
Afugentou as larvas tumulares...
Para surgir do seio desses mares.
Um mundo novo espera só um aceno...

Escuta! é a grande voz das multidões!
São teus irmãos, que se erguem! são canções...
Mas de guerra... e são vozes de rebate!

Ergue-te pois, soldado do Futuro,
E dos raios de luz do sonho puro,
Bonhador, faz espada de combate!

HOMO

Nenhum de vós ao certo me conhece,
Astros do espaço, ramos do arvoredo,
Nenhum adivinhou o meu segredo.
Nenhum interpretou a minha prece...

Ninguém sabe quem sou... e mais, parece
Que há dez mil anos já, neste degrado,
Me vê passar o mar, vê-me o rochedo.
E me contempla a aurora que alvorece...

Sou um parto da Terra monstruoso;
Do humus primitivo e tenebroso
Geração casual, sem pai nem mãe...

Mixto infeliz de trevas e de brilho,
Sou talvez — Satanás; — talvez um filho
Bastardo de Jehová; — talvez ninguém!

DISPUTA EM FAMILIA

Dixit insipiens in corde suo: non est Deus

I

Sai das nuvens, levanta a fronte e escuta
O que dizem teus filhos rebeldes.
Velho Jehová de longa barba hirsuta,
Solitário em teus Céus acostelados;

— Cessou o império enfim de força brutal
Não sofreremos mais, emanipados,
O tirano, de mão tenaz e astuta,
Que mil anos nos trouxe arrebanhados!

"Enquanto tu dormias impassível,
Topaste no caminho a liberdade
Que nos sorriu com gesto indefinível..."

"Já provamos os frutos da verdade...
O Deus grande, o Deus forte, o Deus terrível,
Não passas dumha vã banalidade! —"

II

Mas o velho tirano solitário,
De coração austero e endurecido,
Que um dia, de enjoado ou distraído,
Deixou matar seu filho no Calvário;

Sorriu com riso estranho, ouvindo o vário
Tumultuoso coro e alarido
Do povo incipiente, que, atrevido,
Erguiu a voz em gritos ao seu sacrário:

— Vanitas vanitatum! (disse). E' certo
Que o homem não medita mil mudanças,
Sem sechar mais de que erro e desacerto,

"Muito antes de nascerem vossos pais
Dum barro vil, ridículas criancinhas,
Sabia eu tudo isso... e muito mais: —"

MORS LIBERATRIX

(A Bulhão Pato)

Na tua mão, sombria cavaleiro,
Cavaleiro vestido de armas pretas,
Brilha uma espada feita de cometas,
Que rasga a escuridão, como um luzeiro,

Caminhas no teu curso aventureiro,
Todo envolto na noite que projetas...
Só o gladio de luz com fulvas betas
Emerge do sinistro nevoeiro.

— "Se esta espada que empunho é corsicante,
Responde o negro cavaleiro-andante!
E' porque esta é a espada da Verdade.

Firo, mas salvo... Pronto e desbarato,
Mas consolo... Subverti, mas resgato...
E, sendo a Morte, sou a Liberdade."

O INCONCIENTE

O espírito familiar que anda comigo,
Sem que pudesse ainda ver-lhe o rosto,
Que umas vezes encaro com desgosto
E outras muitas ansioso espreito e sigo,

E' um espírito mudo, grave, antigo,
Que parece a conversa mal disposta...
Entre esso vulto, ascético e composto
Mil vezes abro a boca... e nada digo.

Só uma vez ousei interrogá-lo:
Quem és (lhe perguntei com grande abalo)
Fantasma a quem odeio e a quem amo?

Teus irmãos (respondeu) os vãos humanos,
Chamam-me Deus, há mais de dez mil anos...
Mas eu por mim não sei como me chamo...

MORS-AMOR

(A Luiz de Mogolhães)

Esse negro corsel, cujas passadas
Escute em sonhos, quando a sombra desce,
E, passando a galope, me aparece
Da noite nas fantásticas estradas,

Donde vem ele? Que regiões sagradas
E terríveis cruzou, que assim parece
Tenebrioso e sublime, e lá estremecem
Não sei que horror nas crinas agitadas?

Um cavaleiro de expressão potente,
Formidável, mas plácido, no porte,
Vestido de armadura reluzente,
Cavala a fera estranha sem temor,

E o corsel negro diz: "Eu sou a Morte!"
Responde o cavaleiro: "Eu sou o Amor!"

ANIMA MEA

Estava a Morte ali, em pé, diante,
Sim, diante de mim, como serpente
Que dormisse na estrada e de repente
Se ergesse sob os pés do caminhante.

Era de ver a fúnebre bacante!
Que torvo olhar! que gesto de demente!
E eu disse-lhe: "Que buscas, impudente,
Loba faminta, pelo mundo errante?"

— Não temas, respondeu (é uma ironia
Sínistramente estranha, átrio e calma,
Lhe torceu cruelmente a boca fria,

Eu não busco o teu corpo... Era um troféu
Glorioso de mãs... Busco a tua alma
Responde-lhe: "A minha alma já morreu!"

DIVINA COMEDIA

(Ao Dr. José Falcão)

Erguendo os braços para o céu distante
E apostrofando os deus invisíveis,
Os homens clamam: — "Deuses impassíveis,
A quem serve o destino triunfante,

Por que é que nos criastes?! Incessante
Corre o tempo e só gera, inextinguíveis,
Dor, pecado, ilusão, lutas horríveis,
Num turbilhão cruel e destrante...

Pois não era melhor na paz clemente
De nada e do que ainda não existe,
Ter ficado a dormir eternamente?

Por que é que para a dor nos evocastes?"
Mas os deuses, com voz linda mais triste,
Dizem: — "Homens! por que é que nos criastes?"

O CONVERTIDO

(A Gonçalves Crespo)

Entre os filhos dum século maldito
Tomei também lugar na impla mesa,
Onde, sob o folgar, gemo a tristeza
Duma ânsia impotente do infinito.

Como os outros, cuspí no altar avito
Um rir feito de fei e de impureza...
Mas, um dia, abalou-se-me a firmeza,
Deu-me rebata o coração contrito!

Erma, cheia de tédio e de quebranto,
Rompendo os diques ao represso pranto,
Virou-se para Deus minha alma triste,

Amortalhei na fé o pensamento,
E achei a paz na inicia e esquecimento...
Se me falta saber se Deus existe!

ESPETROS

Espetros que veles, enquanto a custo
Adormeço um momento, e que inclinados
Sobre os meus zonas curtos e cansados
Me encheis as noites de agonia e susto...

De que me vale a mim ser puro e justo,
E entre combates sempre renovados
Disputar dia a dia a mão dos Fados
Uma parcela do saber augusto,

Se a minh'alma há-de ver, sobre si filos,
Sempre esses olhos trágicos, malditos!
Se estô dormindo, com angústia imensa,

Bem os sinto verter sobre o meu leito,
Uma a uma verter sobre o meu peito
As lágrimas geladas da descrença!

ANTERO DE QUENTAL

O QUE DIZ A MORTE

Deixai-me vir a mim, os que lidaram;
Deixai-me vir a mim, os que padecem;
E os que cheios de magua e tédio encaram
As mortíferas obras vás, de que escarneçem...

Em tutti os sofrimentos que não sarão,
Tédio, Dádiva e Mal se desvaneçem.
As mortâncias da Dor, que nunca param,
Crem num mar, em mim desaparecem. —

Aqui a Morte diz. Verbo velado,
Supremo intérprete sagrado
Das rebeças invisíveis, muda e fria,

E tu sua mudice, mais retumbante
Que o clamoroso mar; mais rutilante,
Na tua noite, do que a luz do dia.

NOX

(A Fernando Leal)

Nada vão para ti meus pensamentos,
Quando olho e vejo, à luz cruel do dia,
Tanto estéril lutar, tanta agonia,
E muitos tantos asperos tormentos...

Tu, ao menos, abafas os lamentos,
Que se exalam da trágica envia...
O eterno Mal, que rugi e desvaria,
Na tua descanso e esquece, alguns momentos...

Oitantes tu também adormecesses
Por uma vez e eterna, inalterável,
Cameo sobre o mundo, te esquecesses,

E só o mundo, sem mais lutar nem ver,
Enclose no seu seio invidável.
Kene sem termo, noite do Não-ser!

EM VIAGEM

Pelo caminho estreito, aonde a custo
Se encontra uma só flor, ou ave, ou fonte,
Mas ali bruta arides de áspido monte
E os solos e a febre do areal adusto,

Pelo caminho estreito entre sem custo
E em custo encarei, vendos defronte,
Fantasma que surgiam do horizonte
A penetrar meu coração robusto...

Quem sois vós, peregrinos singulares?
Dor, Tédio, Desenganos e Pesares...
Aíras deles a Morte espereia ainda...

Continuo-vos. Meus guias derradeiros
Sois vós. Silenciosos companheiros.
Benvindos, pois, e tu, Morte, benvindal

NIRVANA

(A Guerra Junqueiro)

Pra além do Universo luminoso,
Cheio de formas, de rumor, de lida,
De forças, de desejos e de vida,
Abre-se como um vazio tenebroso.

A onda desse mar tumultuoso
Vem ali expirar, esnacida...
Nossa imobilidade indefinida
Termina ali o ser, inerte, ocioso...

E quando o pensamento, assim absorto,
Emerge a custo desse mundo morto
E torna a olhar as coisas naturais,

A bela luz da vida, ampla, infinita,
Se vê com tédio, em tudo quanto fita,
A ilusão e o vazio universais.

TRANSCENDENTALISMO

(A J. P. Oliveira Martins)

Já sonhega, depois de tanta luta,
Ja me descansas em paz o coração.
Cai na conta, enfim, de quanto é vício
O bem que ao Mundo e à Sorte disputa,

Penetrando, com fronte não enxuta,
No corredor do templo da Ilusão,
Se encontrai, com dor e confusão,
Trevais e pô, uma matéria bruta...

Não é no vasto mundo — por imenso
Que ele pareça a nossa mocidade —
Que a alma sacia o seu desejo intenso...

Na estrela do invisível, do intangível,
Sobre desertos, vazio, soledade,
Viu e paira o espírito impassível

EVOLUÇÃO

(A Santos Valente)

Fui rocha, em tempo, e fui, no mundo antigo,
Tronco ou ramo na incógnita floresta...
Onda, espumei, quebrando-me na aresta
Do granito, antiquíssimo inimigo...

Rugi, fera talvez, buscando abrigo
Na caverna que cusombra urze e giesta;
Ou, monstro primitivo, ergui a testa
No limoso paul, glauco pacífico...

Hoje sou homem — e na sombra enorme
Veja, a meus pés, a escada multifórmis,
Que desce, em espirais, na imensidão...

Interrogo o infinito e lá vezes choro...
Moa, estendendo as mãos no vazio, adoro
E aspiro unicamente à liberdade.

ELOGIO DA MORTE

Morrer é ser iniciado
Antologia grega

I

Altas horas da noite, o Inconsciente
Sacode-me com força, e acordo em susto.
Como o esmagassei de repente,
Assim me para o coração robusto.

Não que de larvas me povo a mente
Esse vazio nocturno, mudo e augusto,
Ou forceje a razão por que afugente
Algum remoroso, com que encara a custo...

Nem fantasmas noturnos visionários,
Nem dossier de espíritos mortuários,
Nem dentro em mim terror de Deus ou Sorte...

Natal o fundo dum poço, úmido e morno,
Um mirro de silêncio e treva em torno.
E ao longe os passos sepulcrais da Morte

II

Na floresta dos sonhos, dia a dia,
Se interna meu dorido pensamento,
Nas regiões do vago esquecimento
Me conduz, passo a passo, a fantasia.

Atravesso, no escuro, a névoa fria
Dum mundo estranho, que povoava o vento,
E meu queixoso e incerto sentimento
Sô das visões da noite se confia.

Que místicos desejos me enlouquecem?
Do Nirvana os abismos aparecem
A meus olhos, na muda imensidão!

Nesta viagem pelo ermo espaço,
So busco o teu encontro e o teu abraço,
Morte! Irmã do Amor e da Verdade!

III

Eu não sei quem tu és — mas não procuro
(Tal é minha confiança) devassala.
Basta sentir-te ao pé de mim, no escuro,
Entre as formas da noite, com quem falo.

Através do silêncio frio e obscuro
Tras passos vou seguindo, e, sem abalo.
No cairei dos abismos do Futuro
Me inclino à tua voz, para sonda-la.

Por ti me engolfo no nocturno mundo
Das visões da região inominada,
A ver se fixo o teu olhar profundo...

Ásia-lo, compreendê-lo, basta uma hora,
América Beatriz de mão gelada...
Mas única Beatriz consoladora!

IV

Longo tempo ignorei (mas que cegueira
Me trazia este espírito enrubido!)
Quem fosses tu, que andavas a meu lado,
Noite e dia, impassível companheira...

Muitas vezes, é certo, na canseira,
No tédio extremo dum viver maguado,
Para ti levantei o olhar turbado,
Invocando-te, amiga derradeira...

Mas não te amava então nem conhecia!
Meu pensamento inerte nada lia
Sobre essa muda fronte, austera e calma.

Luz íntima, afinal, alumiou-me...
Filha do mesmo pai, já sei teu nome,
Morte, Irmã coeterna da minha alma!

Que nome te darei, austera imagem.
Que aviso já num ângulo da estrada,
Quando me desmaiava a alma prostrada
Do cansaço e do tédio da viagem?

Em teus olhos vê a turba uma voragem,
Cobre o rosto e recua apavorada.
Mas eu confio em ti, sombra velada.
E cuido perceber tua linguagem...

Mais claros vejo, a cada passo, escritos,
Filha da noite, os lemas do Ideal,
Nos teus olhos profundos sempre fitos...

Dormirei no teu seio inalterável,
Na comunhão da paz universal,
Morte libertadora e inviolável!

VI

Só quem teme o Não-ser é que se assusta
Com seu vasto silêncio mortuário,
Noite sem fim, espaço solitário,
Noite da Morte, tenebrosa e augusta...

Eu não: minhalma humilde mas robusta
Entra crente em teu átrio funerário;
Para os maiores é um vazio cinerário,
A mim sorri-me a tua face austera.

A mim seduz-me a paz santa e nefável
E o silêncio sem par do Inalterável,
Que envolve o eterno amor no eterno luto.

Talvez seja pecado procurar-te,
Mas não sonhar contigo e adorar-te,
Não-ser, que é o Ser único absoluto.

LACRIMAE RERUM

(A Tommaso Cannizzaro)

Noite, irmã da Razão e irmã da Morte,
Quantas vezes tenho eu interrogado
Teu verbo, teu oráculo sagrado,
Confidente e Intérprete da Sorte!

Aonde vão teus solos, como coorte
De almas inquietas, que conduz o Fado?
E o homem por que vaga desolado
E em vão busca a certeza, que o conforta?

Mas, na pompa de imenso funeral,
Muda, a noite, sinistra e triunfal,
Passa volvendo as horas vagarosas...

E tudo em torno a mim, dúvida e luto;
E perdido num sonho imenso, escuto
O suspiro das colinas tenebrosas...

VOZ INTERIOR

(A João de Deus)

Embebido num sonho doloroso,
Que atravessam fantásticos clarões,
Tropeçando num povo de visões,
Sô agita meu pensar tumultuoso...

Com um bramir de mar tempestuoso
Que até aos céus arroja os seus cachões,
Através dumha luz de exalações,
Rodeia-me o Universo monstroso.

Um ai sem termo, um trágico gemido
Ecoa sem cessar ao meu ouvido,
Com horrível, monotonio valvem...

Só no meu coração, que sono e meço,
Não sei que voz, que eu mesmo desconheço,
Em segredo protesta e afirma o Bem!

COM OS MORTOS

Os que amei, onde estão? idos, dispersos,
Arrastados no giro dos tufoes.
Levados, como em sonho, entre viadós,
Na fuga, no ruir dos universos...

E eu mesmo, com os pés também imersos
Na corrente e a mercê dos turbilhões,
Sô vejo espuma lívida, em cachões,
E entre elas, aqui e ali, vultos submersos...

Mas se paro um momento, se consigo
Fechar os olhos, sinto-os a meu lado
De novo, esse que amei: vivem comigo,

Vejo-os, ouço-os e ouvem-me também,
Juntas no antigo amor, no amor sagrado,
Na comunhão ideal do eterno Bem.

DE ANTERO - Cecília Meireles

olhasse, ó crente, o horizonte futuro e visto, em tua mente, um alor ideal banhar esses espacos! Porque morreu sem o eco de teus passos, e de tua palavara (ó Verbo) o sono fremente... ah! dorme em paz! Morreste... ah! dorme em paz! não voltas, que descrente abrigaste-te novo à campa os membros lassos...

Agora, como entao, na mesma terra erra, a mesma humanidade, é sempre a incerteza enterna, só mesmo como eu, triste como um sonáculo...

Fazendo, como entao, vitais o mundo do exame, e outras perguntas — de que serviu o sangue que regasse, o Criado, as urzes do Calvário?

Mas ou seja o Deus abandonado, ou um ouro, novo, nova forma viva continua a acenar-lhe de longe. E continua: a solidada virão desta alma ardente, que relentes em salm teu brilho magnante, la canto sobre o mar o sol se repecha?

O mundo é grande — e cada fúria me aconselha a escalar-te na terra; e em, pobre crente, pelo mundo procuro um Deus eleamente, mas a tua só lhe encocri, nun e velha...

Destacava-se com João de Deus: O que lhe-de a alma escolher, em tanto engano e sua hora crê de te, logo divinamente; e que um, só acha o descalmo?

No luto pode abduir em tanto dano, e juntar a tua dama outra vida, e a luta degrido, o seu destino.

O poeta descobre o Eterno ou Fim. Feminino, e inquieto-se, tem uma ternura nova:

Põe Deus sobre a fronte a mão piedosa; e que fada o poeta e o soldado levou a ti o olhar de amor velho, e lhe disse: "Vai, filha, e se formosa!"

"E tu descrendo na onda harmoniosa, pondo nesse solo angustiado, e tua ronda num clíu à sagrado, de tua lamento curar na tua radiosidade..."

Mas eu..., posso eu aceso merecer-te? Levante o Senhor, mulher! o que é vedado Amor, deite o Senhor um mundo aparte. E a mim, a quem deu olhos para ver-te, nem poder mais... a mim o que me da dano? Vou que cante, e uma alma, para amar-te!

A inquietação divina se vem juntar o confuso clamor dos sentidos; e vele como aquele a quem a glória parte cosa vã, a glória que nos coroa com flores de engano, queraria de ser coroado pela criação que o enternecesse:

Me coro-me tu; na fronte in glória engravo tu o louro soberano... Vou, verás entao, si amo essa gloria...

Vou a mulher, para a Beatriz que um dia será também a "única Beatriz consoladora" — vê seus versos, evitados do rei! Listrei os meus pés da senda dos abrolhos, tirei-me a outro céu, nem ergo já meus olhos, ó estrela ideal que a luz da morte contem...

Não temas, pois — Oh! vem! o céu é puro e calmo e silencioso a terra, e doce o mar, e a alma... A alma! não a vês tu mulher, mulher! Oh! vem!

Serás nessa alma o amor humano capaz de eclipsar Deus? Eis, por isso que esse amor o diabolizou:

1863 — ode — Pobres — a R. de Deus.

Eu quiser saber, ricos, se quando sobre esses montes de ouro estais subidos, vedes mais perto o céu, ou mais um astro vos aparecer, ou a fronte se vos hanha

Deus em penhor te deu a formosura; como a luz do luar em mor dilatada te manda o céu em cada hora? Se vés percebe o ouvido as harmonias vagas do espírito, à noite, mais distantes? Se quando andais subidos nas montanhas, as brandas asas de anjo diar-vos sombra, ou vos roga pelos labios de outro mundo ideal, místico briso?

Pode ser que esteja dando esperança aos miseráveis:

1863 — Odes — Aos miseráveis.

fragmento

O Justicjal eu sorrio quando encaro os semi-deuses dessa terra ingrata, que cheio de valude e de descaro se julgam feitos de ouro e fine prata!

Sorrio ao ver como em seu trono a vida em sonhos só e nada viral. Mas no que se não ve, labor perdidol!

Quem form tão ditoso que olhava...

Mas nem seu mal com ele entrou dormir,

que sempre o mal pior é ter nascido...

Este homem que teve a esperança, por várias vezes, no sonho, e turba molhas na realidade heróica, sórria de uma impossibilidade trágica; não podia perder de vista nem o céu nem a terra; melhor diria: nem o céu nem o mar, esse mar do mundo — como um legítimo lheu que da sua praia não temeria que escalava a serra a clarim de inalcaneaveis ens estrelas ou a memória, a vacilação, o perigo e o naufrágio das águas promissoras e virtuosas.

Que eu bem sei que tu hás de subvertir-las...

O Tronos caem sem sacarem eco, e os deuses mortem sem fazer ruído;

é o Cetro ramo que só fruto pecu-

dará, e o Monte de ouro buido

não poda a vinha... deixa tudo

Tudo isto morre e vai-se em po

que pesam na balança da Verdade?

Mas a ideia que sai da nossa fren-

e a dor, que irrompe e rasga o nos-

so peito,

mas a água, que tem nuns almas

a fonte, e o feto, que nascem todo impos-

sível,

e o al de um triste em solitário

e um pranto maternal em frío leito;

e o al pisa no peito da balança

que mede o amor e a esperança;

Conheci a Efíesa que não morre

e o qual triste. Cemo quem na terra

mais alta que haja, obstante os pas-

a terra, e o mar, vê lindo, — a maior mar

ou terra,

minguar, fundir-se, sob a luz que

assom em vi o mundo e o que ele

encerra encerra

perder a cor, bem como a riqueza

que era

so por sol e sobre o mar dis-

corre

Pedindo à forma, em vão, a ideia

pura, tropeço, em sombras, na maternida,

e no pensamento, leproa e a igno-

rancia elevaram altar, e a ignomina

chamariam dignidade...

E o grande gesto que de longe

se fazem os braços, talvez

para brincar o caminho

do test, o seu fatal caminho:

Caminhau para a estrela do alvo

que vos sorri de lá — não tenham

medo — até que se desembrolhe este mace-

E há-de desembrolhar-se, tarde ou

Misterioso, segui na vossa estrada

o meu ira, segui com rosto leido...

E a entrada val de um risco cerio!

Na breva a columna do deserto...

Talvez ainda, nesse mal,

Talvez ali no topo da igreja onde move o

Deus que ama e por quem sofre, te-

mais, quando:

São estes que fizeram da cruz ne-

do meu ladrão final com que se

abre a morte e tarta-cor, feito de

Oceano — as cercas inúmeras não

tem nome. E quando afunilaram

em suas canas floridas, e mega

marinhismo estava cantando entre

ver para as estrelas:

Minha alma, é Deus, a outros céus

aspira; se um momento a prender mortal

belos, é pena eterna pátria que suspira;

E assim decorreram anos, os pri-

meiros vinte anos de um poeta,

Os novos dias que chegaram en-

contraram-no morcundado em livros

de ciência, poesia, filosofia, teolo-

gia. Chegaram às suas mãos Miche-

let e Hegel, Vigo e Pindró, Hu-

go e Balze, Goethe, Poe... Che-

garam, para seu senso, Eça de

Queiroz... Toda a vida lembrava

escultura do poeta; quando o co-

ncubeu: uma noite, junto a uma

igreja, a capa negra escorrendo de

ritos obscuros, o número co-

mo de Quixote, o

lamento de Don Chisciotte, o

lamento de Dom Quixote, o

RETRATO IDEAL DE

(Continuação da pág. anterior)
era essa que assim, num desvio,
de meu casabre à Úmida pou-
[sada]...

Nem princesa nem fada. Era flor,
era a tua lembrança que batia
as portas de ouro e luxo do meu
[lar]...

Uma claridade campestre banha
minhas recordações!

Quando nos vamos amios, de maos
lidas, colher nos vales lirios e bonitas,
e galgares d'um teleo as colinas
dos rocos da noite iria orvalha-
[das];

ou vendo o mar, das ermas cumiu-
[das], contemplamos as nuvens vespertis-
[nas], que parecem fantásticas rumas
no longe, no horizonte iluminato-
[das];

quantas vezes, de subito emudecemos:
Não sei que luz no teu olhar flu-
[tua]; tanto tremor-te a mão, e empal-
[deces]...

O vento e o mar murmuram ora-
ções, e a poesia das coisas se insinua
lenta e amorosa em nossos cora-
ções.

HA quase um princípio de ale-
gra, em redor dele:

Eu bem sei que te chamam peque-
[nina] e ténue como o vén solto na dança,
que só no júso apetecia a dança
pequena, nos vestidos, que a
imaginava...

Uma vontade de Cântico dos
Eldíacos adormece-a:
Sonho-me, às vezes ret, nalguns
lhos, muito longe, nos mares do Oriente,
ende a noite e balsâmica e fulge-
nte;

e a tua cheia sobre as águas bri-
lha...

Que ternura infantil, saudosa e
triste, abranda um instantâneo esse
profeta entristecido:

Mae — que adormece este viver
[dorida], e me vele esta noite de tal frio,
e com as mãos piedosas até o fio
do meu pôbre existir meio partido...

Que me leve consigo adormecido
ao passar pelo sítio mais sombrio...

Eu dava o meu orgulho de homem
— dava
minha estéril ciência, sem recuso,
e em duelo triunfante me tornava;
descuidada, fech, docil, também,
se eu pudesse dormir sobre o teu
leito, se tu fosses, querida, a minha
mãe!

Logo, porém, tudo isso se des-
menda em perdido queixume. Ja
nem as serias precisar fugir,
porque é ele, o profeta, que, com
a natureza de um Elias, se perde
no ar, em seu coche de nevoa:

Um dia, meu amor (e talvez cedo
que já sinto estalar-me o coração!)
Recordaras com dor e compaixão
as terras juivas que te fiz a medo...

Então, da casta alcova no segredo,
da lamparina ao tremulo clarão,
ante a ti surgirei, espero vê-lo,
Marva rugida no sepulcral degredo...

E tu, meu anjo, ao ver-me, entre
lamentos e estílos ais estenderás os braços
e como um fumo sumir-me-ei no
lar!

E esse abandono das formas vás-
selo-se tornando tão simples, tão
natural no poeta-filósofo que é
como se a realidade, aquilo que é
a realidade dos outros homens, já
se estivesse evaporando em maté-
ria, mais leve que a recordação.
Soltam-se os laços que prendiam
os interesses que podia ser a
sua pessoa. Vai-se destruindo ca-
da vez mais a figura "ideal". Um
grande consentimento para que
tudo se liberte, siga seu caminho,
precipite-se na torrente geral do
universo:

Deixa-la ir, a ave, a quem rouba-
ram-nho e filhos e tudo, sem piedade...
Que a Jeve o ar sem fim da sole-
lidade onde as suas partidas a levaram...

Deixa-la ir, a vela, que arrojaram
nos tufões pelo mar, na escuridão,
quando a noite surgiu da imensa-
[dade], quando os ventos do Sul se levan-
taram...

Deixa-la ir, a alma histriônica,
que perdeu a fé e paz e certeza...
a morte queda, à morte silenciosa...

Sua experiência levara-o a
inúmeras decepções. Os amigos, in-
certos, as servas, precarias; os
homens, esquecidos de sua condi-
ção; o mundo, cego; e Deus apre-
xiomônio e Julgando-lhe, segundo
a sua força de busca-lo, e to-
mando todas as aparentes, e ex-
capando a todas as definitivas. O
abraço da solidão rodeia o sonha-
dor incansável. Tal qual, na sua
ilha, a noite do mar, misturada
à do céu:

Sonho que sou um cavaleiro an-
tigamente. Por desertos, por sós, por noite
escura, paladino do amor, busco andante
o palácio encantado da ventura.

Mas já desmaiado, exausto e vaci-
ante, quebrada a espada ja rota ar-
madura. E em que subito, o aviso, fulgi-
ante Na sua pompa e ares formosos!

Com grandes golpes bate à porta e
Eu sou Vagabundo, o Desherdado!
Abri-vos portas douradas, ante meus
lais!

Abrem-se as portas d'ouro com
fragar. Mas dentro encontro só, chão de
silêncio e escuridão — e nada
final!

Andara falando dele o mundo —
com sua mil vozes. E ele, de quem
fala? Com quem se comunica? Ele
anda no seu grande monólogo no-
turno:

Espírito que passas, quando o vento
adormece no mar e purge a lua,
filho esquivo da noite que flutua,
tu só entendas bem o meu tor-
mento...

Come um canto longinquio, — tris-
te e lento — que voga e sutilemente se insinua
— sobre o meu coração, que tu-
tuas, tu vertes pouco a pouco o esque-
leto...

A ti confio o sonho que me leva
um instinto de luz, rompendo a
treva, buscando, entre visões, o eterno
! [Bem]

E tu entendas o meu mal, sem
tu so, gênio da Noite, e mais nin-
guém!

Mais verdadeiros lhe são os
grandes fantasmagóicos que os
habitantes do mundo, seus vi-
zinhos. Já está familiarizado com
essas presenças invisíveis, inter-
locutores solenes, que nunca, no
entanto lhe respondem, cabimente-

Vai fazendo, ele mesmo, presen-
ça esparsa e disposta sobre seus

despojos futuros. Abre a sua "se-
pultura romântica", de libréu, —

no mar, amargo e maternal" ao

mesmo tempo: que embala as lhas
e as devora!

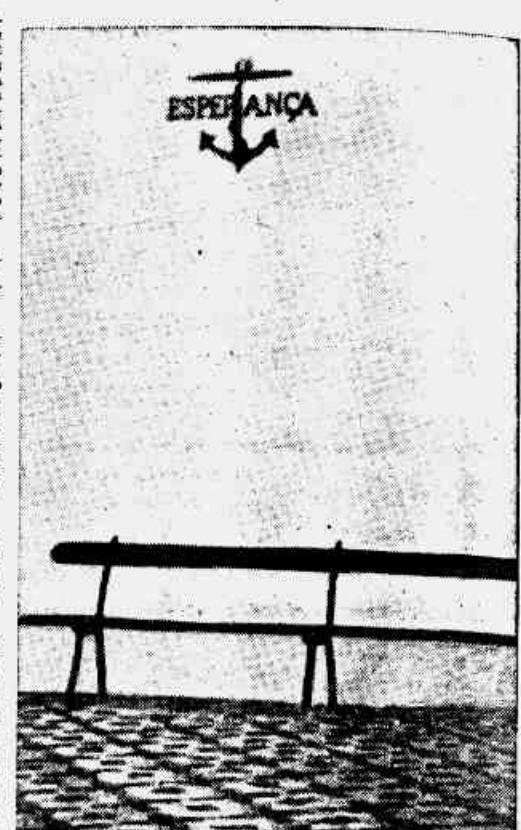
Ali, onde o mar quebra num ca-
lhar, rugidor e monôtono, e os ventos
erguem pelo areal os seus lamen-
tos, ali se há-de enterrar meu coração:

Quemsem-se os sóis da aduia so-
lidão na fernalha do estio, em dias len-
tos; depois, no inverno, os sopros vio-
lentos lhe revolvem em torno o arido
chão...

Até que se desfaça, e já tornado
nos turbilhões que o vento levanta-
tar...

Com suas lutas, seu cansado an-
sioso, seu louco amor, dissolvem-se no seio
desse infértil, desse amaro-

A este homem que tanto se es-
quece do corpo, sucede, então, o que
o corpo, assim abandonado, se põe
a adoecer. Anda a procurar inci-



O banco do jardim, em Ponta Delgada, onde Antero de Quental se suicidou

te; proibição de se continuarem a realizar.

A Antero de Quental, o popular paladino dos palácios escuros, a Antero, o bom obrigado a ser cruel, cabe mais uma vez defesa da situação. Foi quando se lembrou de dizer aquela coisa inesquecível: "que o pão sofría por não pensar.

E no dia em que se vai estrear o pensamento, chega o sr. ministro e lhe põe em cima a cartola encadada". E para lembrança lhe deixou mais eses recados: "Que pensariam Sócrates e Jenis das virtudes parlamentares do sr. Marques d'Avila?" E de todo mal-ogão ainda este documento, que é o final da sua carta "Exco, sr. Nem eu nem v. excia, passaremos à história e muito menos às impétulas portuguesas que v. excia, faz assimilar a um rei sonâmbulo. Mais supondo por um momento que alguma das coisas possa passar ao século XX, folgo de deixar aos vindouros com este escrito, a certeza duma coisa: que em 1871 houve em Portugal um ministro que fez uma ação má e tola, e um homem que teve a franqueza cardíaca de lho dizer".

Eu, senhores, que aqui fago ane-
nas e papel de cronista, não me
permitem furtar a relatar o documenta-
to...

Virão agora tempos mais bonan-
cos? Lá vai o poeta-profeta le-
vado para as regiões do socialismo,
que lhe são instantaneamente familiares,
por uma disposição amorável de
sentimentos, retificada pelo culto de
noções astutas. Seu verdadeiro
caminho teria sido o caminho es-
peculativo da Filosofia, mas os terrenos do mundo não estavam
preparados. Deus não realizava nenhuma milagre... E pôde-se a oraz:

Razão, irmã do Amor e da Justiça,
mas uma vez escuta a minha pre-
ice...

Por ti é que a poesia mordicha
de astros, e sóis e mundos permane-
ce...

Como a Justificar suas atitudes
de cidadão, exclama, envolvendo-
se sempre, o céu e a terra:

Nas florestas solenes há o culto
da eterna, íntima força primitiva-
na serrra, o grito audaz de alma
fativa...

do coração em seu combate inuito:

Chegou o poeta aos 30 anos.

Continua a ler, a pensar, a litera-
tria, a crítica, a filosofia sempre

que o verso lhe ocorre.

No entanto, as nuvens estão

crecendo no anfitrião do hori-
zonte. O homem-lhão vai vivendo

e sofrendo. Nunca se acalmam as

ANTERO — (Continuação da página anterior)

vagas em redor do arquipélago, como dantes te encara, e é o tor-
mento que aquelaas te perguntas
sobre o Universo, em redor da sua ca-
lega...

Como um vento de morte e de
ruína,
a Dúvida soprou sobre o Universo.
Um noite de silêncio, imerso
no mundo em derrota e algônia ne-
l'blua...

Nem astro lú reluz nem ave trina,
nem flor sorri no seu aéreo berço.
Um veneno sul, vago, disperso,
encomponha a criação divina.

E' um meio da noite monstruosa,
o céu gelado que paira e es-
conde o sol nublado, donde a morte
seu sudário, donde a morte
que humilde e misteriosa,
com um vago protesto da exis-
tência, desmorocha no fundo da Conci-
encia... I'ciu...

Sóis anos seguidos irão fazendo
bruxa do seu coração maravilhoso
e orgaçado, flores de dúvida
e negação!

Nenhum de vós so certo me co-
nhice! I'nece:
arros de espaço, ramos de arvo-
res, redos,
nenhum advinhou o meu segre-
to... I'do:
nenhum interpretou a minha pre-
visão... I've...

Neguem sabe quem sou... e mal
que há dez mil anos já, neste de-
l'greco,
me só passar o mar, vê-me o ro-
sto chudo
e me contempla a aurora que al-
i'vorece...

Sou um paro da Terra mons-
truo; I'truo;
de humus primitivo e tenebrosos
geração casual, sem pai nem
mãe...

Mixto infelix de trevas e de bri-
lho, I'lio,
sou salvez Salomão — talvez um
filho
bastardo de Jeová — talvez nin-
guem!

Acreditar, sucessivamente, em
Deus, no Amor, na Natureza, na
Civica, na Idéia, no Homem...
E agora perder também a fé em
tudo, a que noção irá recorrer, pa-
ra acreditar, esse homem estranho,
que não pode viver sem uma
caixa, uma raiz que o prende
ao Ociano, esse espírito que anda
a flor das águas...

Esse negro corcel, cujas paseadas
escutam em sonhos, quando a som-
bra desce,
e passando a galope me apercuso
da noite nas fantásticas estradas,

onde vem ele? Que regiões sa-
gradas e terríveis cruzou, que assim pa-
rece tenebroso e sublime, e que este-
moço
não sei que horror nas crinas agi-
tadas?

Um cavaleiro de expressão po-
tente, inconfundível, mas placido, no porte,
vestido de armadura reluzente,
cavala a fera estranha sem tem-
or. E o corcel negro diz: "Eu sou a
Morte!" Responde o cavaleiro: "Eu sou o
Amor!"

Irás acreditar na Morte, Ante-
ro? Adooce. Vai para longe, curar-
mo-Morte Michel. Morre Her-
cules. Muitas antigas delícias do
mundo.

Não. Por enquanto, não. Vai pro-
curar Deus, de novo. Fala-lhe co-
mo Filho Pródigo, regressando,
mas incerto:

Não morreste, por mais que o bra-
ço de a gente
uma orgulhosa e vã filosofia...
Não se morde assim tão facilmente
o jugo da divina tirania!

Clamam em vão, e esse triunfo
com que a Razão — cotidiana —
I'ingente
I se encrava,
é nova forma, apenas, mais pun-
gente,
da tua eterna, trágica ironia.
Não, não morreste, espetro! O
Pensamento

como dantes te encara, e é o tor-
mento que quantos sobre os livros desa-
lucem.

E os que folgam na orgia impia e
devassa
ai! quantas vezes, ao erguer
l'rua,
param e, estremecendo, empalide-
l'ceram!

E uma vez mais que torna ao
seu interrogatório, obtém uma res-
posta ainda mais triste que a per-
gunta:

Onde te escondes? Eis que em
i'vão clamamos,
suspirando e erguendo as mãos
l'rua
Já a voz enrouquece e o coração
está cansado — e já descorpa-
l'mos...

Por céu, por mar e terras pro-
curamos
o Espírito, que enche a solidão
e só a própria voz ou imensidão,
fatigada nos volves... e não te
l'achamos!

Céus e terra, clamai, ande? non-
de?
Mas o Espírito antigo só responde
em tom de grande tédio e de pe-
sar...

— Não vos queixais, ô filhos da an-
siedade,
que eu mesmo, desde toda a ete-
rnidade,
também me busco a mim... sein
l'me encontrar!

Então, agora lhe vim não mais
uma fúria poderosa, um desejo
ardente e vivo, mas um frio des-
alento, enfraquecido:

Chamei em volta do meu frio leito
as memórias melhores de outra
vida,
formas vagas que às noites, com
l'piedade,
se inclinam, a exprimir sobre o
l'meu peito...

E disse-lhes: — No mundo inen-
trável, l'so e estreito
valia a pena, acaso, em anelida
ter nascido? disse-me com verdade,
pobre memória que eu no seu
estreito...

Mas elas perturbaram-se — coti-
dias!
E engalifeceram, contristadas,
ainda a mais feliz, a mais sere-
na...

E cada uma delas, lentamente,
com um sorriso mórbido, pungeante,
me respondeu: "Não, não valia a
l' pena..."

Irás acreditar na morte, Ante-
ro?

O fatigado visionário se recolle
à solidão da doença. Sua pensa-
mento transita por longos sítios.
Num deles encontra um negro ca-
valeiro. Trava-se este diálogo:

Na tua mão, sombrio cavaleiro,
cavaleiro vestido de armas pretas,
brilha uma espada feita de rom-
pente... I'la
que rasga a escuridão como um
luzero.

Caminhas no teu curso aventureiro...
todo envolto na noite que proje-
tas!

Só o gládio de lux, com fulvas be-
sentes, emerge do alívio nevoeiro...

— Esta espada que empunho é
I'cerceante
— responde o negro cavaleiro an-
dante
é porque esta é a espada da Ver-
dade.

Piro, mas salvo... Prostro e des-
barato mas consolo... Subverti, mais res-
ponde a Morte, sou a Libe-
radora... I'dade.

Fechá os olhos sobre a vista
sombria e do receso de fugitive to-
dos os seus sonhos vem emergindo
outra visão, tranquilidora: o
rosto fugitivo das serfias com o
suave corpo das virgens e o eterno
eterno das mães.

Num sonho todo feito de incer-
tice,
de noturna e indistinta audição,
é que eu vi traí olhar de piedade
e mais que piedade... I'rua...

Não era o vulgar artista ca-
boclo,
o nem a ardor banal da inven-
ção...

Era outra luz, era outra suau-
idade,
que ate nem sei se as ha na-
l'tureza...

Um mistério sofrer... uma aven-
tura
l'rua, e da paz da nossa hora dorin-
tar...

O' visão, visão triste e pederne-
l'rua,
Pita-me assim calada, assim cho-
rosa.

E deixá-me sonhar a vida incri-
bel...

Acorda de olhos calmos. Ja não
é mais no progresso. Helme diz
que a poesia val morrer. A poesia
deixou de ter função social. Ja
não estamos nos tempos infantis.
quando os cantores eram inter-
mediários de Deus, nem os tem-
pos helênicos, em que se vencava
Esquilo, nem a Divina Comédia é
mais explicada ao povo.

E recorda em belos artigos cat-
olicas que via pelo mundo. Nor-
mânia, Inglaterra, Veneza...

Vai-se afastando do mundo. Ainda crê no bem. Ainda é en-
xuto de comover-se e chorar.
Diz enolas tranquilas: "O gênio
é a paciencia, a vontade
constante, a constante atenção;
por outras palavras, o gênio é o
amor, porque o amor é tudo isso,
ou implica tudo isso".

O profeta vai transformando
seu pensamento dentro de seu
craque, num silencioso trabalho
perseverante. Nunca lhe assentou
tão bem o espírito de Santo que
alguns amigos já lhe consagravam
de longos anos.

Quando d' sua distância volve os
olhos ideais para a terra, logo vi-
sões de tezetas os veem toldar.
"O mundo parece normalmente stu-
cado de veragem, parece mais nula-
vez apelar para a semi-verdad, para
os instintos bestiais e para uma
superstição mata monstruosa din-
amico da que as passadas: a super-
stição do 'força'. E pergunta a si
mesmo se terá de chorar na velhice
as lágrimas que chorou Sá de
Miranda.

Tem 48 anos. Os amigos consu-
mavam saber da sua alma pelos
notícias que escrevia. Que poemas
andou escrevendo? Ou antes, que
visões tiveram os olhos, que con-
versas trouxeram os lábios de seu
rostro ideal?

Andou recordando os mortos:

Os que amei, onde estão? Idas,
Idas...
arrastados no giro dos túmulos
levados, como em sonho, entre
na fuga, no ruir dos universos...

Mas se para um momento, re-
laxado
fechar os olhos, sinto-os a me-
l'rua...

Vejo-os, ouço-os e ouvem-me tam-
bém... I'rua...
Juntos no antigo amor, no amor
Isaíada, de novo, esses que amei: vivem
comigo...

Mas se para um momento, re-
laxado
fechar os olhos, sinto-os a me-
l'rua...

O Bem é uma das suas crenças
derredeiras. Em vidas solitárias
só o mar e eu em l'rua, esse
homem... — Ilha viriente onde, en-
teca a anotecer:

Um al'zem termo, um trágico ge-
eoço sem cessar ao meu ouvido,
com horrível, monoton val-
l'rua...

Se no meu coração, que sono e
meco, não sei que voz, que eu mesmo des-
conheço, em segredo protesta e vitima o
Bem!

Tudo mais val ficando, con-
siderando essas discussões sobre filosofia, pol-
ítica, educação, socialismo, sua ironia de profeta adolescentes, suas
fôrmas de apóstola da Verdade, Problemas aéreos, peneléticas
literárias... Amigos... Os auto-
res amados... Avisa, parceira vis-
l'rua... Darwin: Inimigos...

Fui rocha, em tempo, e fui, no
l'rua, anti-
tronco ou ramo na incógnita Ro-
driga...

Hole sou homem — e na sombra
lemeve a meus pés a escada multi-
l'rua...

Não era o vulgar artista ca-
boclo,
o nem a ardor banal da inven-
ção...

Clamam em vão, e esse triunfo
com que a Razão — cotidiana —
I'ingente
I se encrava,
é nova forma, apenas, mais pun-
gente,
da tua eterna, trágica ironia.
Não, não morreste, espetro! O
Pensamento

Mas tendendo as mãos no vácuo,
Induru
e aspiro unicamente à liberdade.

Darwin? Talvez a Índia das me-
tempestades...

"Quanto à aspiração de libe-
rda, também já tinha dito:
"Deus, se Deus fosse possível, se-
ria esse ser absolutamente li-
bre..."

E como vai tão leve, nas sua
contemplações, convive-se com o
peso a desigualdade do mundo, ce-
go à sua passagem de pura forma
ideal:

Vozes do mar, das árvores, do
vento!
Quando às vezes, num sonho do-
laroso,
me embala o verso canto poderoso,
eu julgo igual ao meu vosso tor-
limento...

Verbo crepuscular, intimo alento
das colinas mufas, salmo miste-
rioso;

não serás tu, quehume vaporoso,
o suspiro do mundo e o seu la-
limento?

Um espírito habita a imensidade;
uma ânsia cruel de liberdade
agita e abala as formas fugitivas

E eu comprehendo a vossa lingua
estranhista,
voz do mar, da selva, da mon-
tarinha...
Almas irmãs daminha, almas ca-
livas...

Não choreis, ventos, árvores e o que cheios de mágoa e fúcio
coro antigo de vozes rumorosas,
das vozes primitivas, dolorosas,
como um pranto de larvas tumula-
res...

Da sombra das visões crepuscula-
res rompendo, um dia surgireis ra-
tinos...
As torrentes da Dor, que nunca
desceram, como num mar, em mim de a-
recer...

Assim a Morte diz. Verbo velho,
silencioso intérprete sagrado
das cousas invisíveis, muda e fria,
é na sua audácia, mais resumante
que o clamoroso mar; mais rutinante
na sua noite, do que a luz do dia".

E como deve andar cansado de
monologos, esse homem que toda a
vida esteve inclinado para o ideal
silencioso, aceita agora esta sobre-
humana conversa, e responde:

"Por ti me engolfo no noturno
mundo das visões da região inominada.
a ver se fixo o teu olhar profun-
do..."

Fixa-lo, compreendê-lo, basta uma
funerária Beatriz de mão gentil.
Mas única Beatriz contada aí"

Só agora um diálogo comes para
o homem-deserto, a ilha do meio
do mundo... Se interrompe a con-
versa lírica, e a Idéia da morte passou dra-
percebida para o seu espírito. Lem-
bra-me que quando era rapaz tem-
bera não temesse morrer e nã
arriscasse a vida facilmente; evi-
tava sistematicamente pensar na
morte, porque, dizia eu, como era
certo que nunca tinham experimentado
não podia ter Idéia alguma dela.

"Mais tarde, Prodigão, feria
passas caras mortais, a doença
também. De todos os males re-
flexos sobre este lado universal,
resultou a seguinte Filosofia da
Morte, que pensei escrever, etc."

E adiante desse percurso, nesse
mesmo incompleto, anota:

(Continua na pág. seguinte)

"Mais tarde, Prodigão, feria
passas caras mortais, a doença
também. De todos os males re-
flexos sobre este lado universal,
resultou a seguinte Filosofia da
Morte, que pensei escrever, etc."

E adiante desse percurso, nesse
mesmo incompleto, anota:

"Mais tarde, Prodigão, feria
passas caras mortais, a doença
também. De todos os males re-
flexos sobre este lado universal,
resultou a seguinte Filosofia da
Morte, que pensei escrever, etc."

E adiante desse percurso, nesse
mesmo incompleto, anota:

"Mais tarde, Prodigão, feria
passas caras mortais, a doença
também. De todos os males re-
flexos sobre este lado universal,
resultou a seguinte Filosofia da
Morte, que pensei escrever, etc."

E adiante desse percurso, nesse
mesmo incompleto, anota:

"Mais tarde, Prodigão, feria
passas caras mortais, a doença
também. De todos os males re-
flexos sobre este lado universal,
resultou a seguinte Filosofia da
Morte, que pensei escrever, etc."

E adiante desse percurso, nesse
mesmo incompleto, anota:

"Mais tarde, Prodigão, feria
passas caras mortais, a doença
também. De todos os males re-
flexos sobre este lado universal,
resultou a seguinte Filosofia da
Morte, que pensei escrever, etc."

E adiante desse percurso, nesse
mesmo incompleto, anota:

"Mais tarde, Prodigão, feria
passas caras mortais, a doença
também. De todos os males re-
flexos sobre este lado universal,
resultou a seguinte Filosofia da
Morte, que pensei escrever, etc."

E adiante desse percurso, nesse
mesmo incompleto, anota:

"Mais tarde, Prodigão, feria
passas caras mortais, a doença
também. De todos os males re-
flexos sobre este lado universal,
resultou a seguinte Filosofia da
Morte, que pensei escrever, etc."

E adiante desse percurso, nesse
mesmo incompleto, anota:

"Mais tarde, Prodigão, feria
passas caras mortais, a doença
também. De todos os males re-
flexos sobre este lado universal,
resultou a seguinte Filosofia da
Morte, que pensei escrever, etc."

E adiante desse percurso, nesse
mesmo incompleto, anota:

"Mais tarde, Prodigão, feria
passas caras mortais, a doença
também. De todos os males re-
flexos sobre este lado universal,
resultou a seguinte Filosofia da
Morte, que pensei escrever, etc."

E adiante desse percurso, nesse
mesmo incompleto, anota:

"Mais tarde, Prodigão, feria
passas caras mortais, a doença
também. De todos os males re-
flexos sobre este lado universal,
resultou a seguinte Filosofia da
Morte, que pensei escrever, etc."

E adiante desse percurso, nesse
mesmo incompleto, anota:

"Mais tarde, Prodigão, feria
passas caras mortais, a doença
também. De todos os males re-
flexos sobre este lado universal,
resultou a seguinte Filosofia da
Morte, que pensei escrever, etc."

E adiante desse percurso, nesse
mesmo incompleto, anota:

"Mais tarde, Prodigão, feria
passas caras mortais, a doença
também. De todos os males re-
flexos sobre este lado universal,
resultou a seguinte Filosofia da
Morte, que pensei escrever, etc."

E adiante desse percurso, nesse
mesmo incompleto, anota:

"Mais tarde, Prodigão, feria
passas caras mortais, a doença
também. De todos os males re-
flexos sobre este lado universal,
resultou a seguinte Filosofia da
Morte, que pensei escrever, etc."

E adiante desse percurso, nesse
mesmo incompleto, anota:

"Mais tarde, Prodigão, feria
passas caras mortais, a doença
também. De todos os males re-
flexos sobre este lado universal,
resultou a seguinte Filosofia da
Morte, que pensei escrever, etc."

E adiante desse percurso, nesse
mesmo incompleto, anota:

"Mais tarde, Prodigão, feria
passas caras mortais, a doença
também. De todos os males re-
flexos sobre este lado universal,
resultou a seguinte Filosofia da
Morte, que pensei escrever, etc."

E adiante desse percurso, nesse
mesmo incompleto, anota:

"Mais tarde, Prodigão, feria
passas caras mortais, a doença
também. De todos os males re-
flexos sobre este lado universal,
resultou a seguinte Filosofia da
Morte, que pensei escrever, etc."

E adiante desse percurso, nesse
mesmo incompleto, anota:

"Mais tarde, Prodigão, feria
passas caras mortais, a doença
também. De todos os males re-
flexos sobre este lado universal,
resultou a seguinte Filosofia da
Morte, que pensei escrever, etc."

E adiante desse percurso, nesse
mesmo incompleto, anota:

"Mais tarde, Prodigão, feria
passas caras mortais, a doença
também. De todos os males re-
flexos sobre este lado universal,
resultou a seguinte Filosofia da
Morte, que pensei escrever, etc."

E adiante desse percurso, nesse
mesmo incompleto, anota:

"Mais tarde, Prodigão, feria
passas caras mortais, a doença
também. De todos os males re-
flexos sobre este lado universal,
resultou a seguinte Filosofia da
Morte, que pensei escrever, etc."

E adiante desse percurso, nesse
mesmo incompleto, anota:

"Mais tarde, Prodigão, feria
passas caras mortais, a doença
também. De todos os males re-
flexos sobre este lado universal,
resultou a seguinte Filosofia da
Morte, que pensei escrever, etc."

E adiante desse percurso, nesse
mesmo incompleto, anota:

"Mais tarde, Prodigão, feria
passas caras mortais, a doença
também. De todos os males re-
flexos sobre este lado universal,
resultou a seguinte Filosofia da
Morte, que pensei escrever, etc."

E adiante desse percurso, nesse
mesmo incompleto, anota:

"Mais tarde, Prodigão, feria
passas caras mortais, a doença
também. De todos os males re-
flexos sobre este lado universal,
resultou a seguinte Filosofia da
Morte, que pensei escrever, etc."

E adiante desse percurso, nesse
mesmo incompleto, anota:

"Mais tarde, Prodigão, feria
passas caras mortais, a doença
também. De todos os males re-
flexos sobre este lado universal,
resultou a seguinte Filosofia da
Morte, que pensei escrever, etc."

E adiante desse percurso, nesse
mesmo incompleto, anota:

"Mais tarde, Prodigão, feria
passas caras mortais, a doença
também. De todos os males re-
flexos sobre este lado universal,
resultou a seguinte Filosofia da
Morte, que pensei escrever, etc."

E adiante desse percurso, nesse
mesmo incompleto, anota:

"Mais tarde, Prodigão, feria
passas caras mortais, a doença
também. De todos os males re-
flexos sobre este lado universal,
resultou a seguinte Filosofia da
Morte, que pensei escrever, etc."

E adiante desse percurso, nesse
mesmo incompleto, anota:

"Mais tarde, Prodigão, feria
passas caras mortais, a doença
também. De todos os males re-
flexos sobre este lado universal,
resultou a seguinte Filosofia da
Morte, que pensei escrever, etc."

E adiante desse percurso, nesse
mesmo incompleto, anota:

"Mais tarde, Prodigão, feria
passas caras mortais, a doença
também. De todos os males re-
flexos sobre este lado universal,
resultou a seguinte Filosofia da
Morte, que pensei escrever, etc."

E adiante desse percurso, nesse
mesmo incompleto, anota:

"Mais tarde, Prodigão, feria
passas caras mortais, a

O SUICÍDIO DE DOIS POETAS

Antero de Quental e Enrique Kleist, por Ernest Feder

Os tiros ouvidos na noite de 11 de setembro de 1891 na ilha de S. Miguel, junto ao Convento da Esperança, tiraram a vida a um poeta, bem como 80 anos antes, os do dia 21 de novembro de 1811 na praia do lago Wansee, perto de Berlim, haviam dado a morte a outro poeta. Nada, porém, mais antitético que o suicídio de Antero de Quental e o de Enrique Kleist. Se ao primeiro podemos chamar um suicídio do pessimismo, o segundo só há-de ser tido como o do optimismo. Aquela é como que o apagar de um fogo há muito bruxeleante; este é como que o ateamento de uma labareda mais intensa do que as que iluminavam a vida. Um marca o mais baixo ponto de uma existência; outro, o mais alto.

Irmanam-se os dois poetas no fato de terem distruído muitas de suas obras, confissões íntimas que poderiam mostrar-nos, mais nitidamente, o estado de alma do autor. Cinco dos poemas repassados do mais profundo pessimismo, que o próprio Quental arguiu de "lúgubres", Oliveira Martins os salvou da destruição porque delas tinha cópias em seu poder. Essas poesias macabras foram, já, comparadas ao livro de Job. Ocorre, porém, uma diferença: o homem do país de Us, amparado por sua convicção religiosa, venceu todas as provações que experimentou, ao passo que o poeta português sucumbiu mal sustentado pela filosofia alemã a que se devotara.

Para definir a mentalidade da geração moça que se empenhava nos combates da "Questão Colmbrina", disse Quental: "Havia em Portugal um grupo de quinze a vinte rapazes que não queriam saber da Academia, nem dos académicos; que lá não eram católicos nem monárquicos; que falavam de Goethe e Hegel, como os velhos tinham falado de Chateaubriand e Cousin". E certa vez esta poesia e filosofia alemã lhe tinham vindo por via francesa. E ele próprio quem o confessa, na carta autobiográfica dirigida ao dr. Storck tradutor alemão dos "Sonetos", dizendo que lera o "Fausto" de Goethe na tradução francesa de Blaze de Bury; que percorreu de São Remensas sobre a nova filosofia alemã, e que com Hegel, também travara conhecimento através das traduções francesas de Vira. "Não sei se o entendi bem. Em todo o caso, o hegelianismo foi o ponto de partida das minhas especulações filosóficas". O poeta português a si mesmo pergunta, acomodado, como poderia acomodar este cuito pelas doutrinas do apóstolo do Estado prussiano com o radicalismo e o socialismo de Michelet,

Quinet e Proudhon. E responde: "Misteriosa da incerteza da mocidade!" Esta enganada. O hegelianismo se viu no fundo do socialismo alemão e do comunismo internacional de Karl Marx.

Não foi, todavia, na filosofia de Hegel e sim na de Schopenhauer que Quental achou as fontes ou, melhor, a expressão de um pessimismo que lhe foi ensombrado, cada vez mais, a vida e a obra; nos livros de Schopenhauer como nos escritos budistas cuja imagem do mundo tanta afinidade tem com a do pensador alemão.

E esta influência que se faz sentir nos seus "Sonetos" em que a Morte representa papel preponderante, essa Morte que ele gosta de associar ao Amor como no "Elogio da Morte":

"Nesta viagem pelo eterno es-
paço
Só busco o teu encontro e o teu abraço,
Morte! Irmã do Amor e da Verdade,"

ou no "Mors-Amor":
"Cavalga a estranha fera
Isen temor:
E o corcel negro diz: eu sou
la Morte!
Responde o cavaleiro em seu lo Amor"

Mas o seu encontro real com a Morte, descreve-o no Soneto, assim pessoal: "Anima mea", no qual à Morte que lhe dizia:

"Eu não busco o teu corpo.
[Fora um troféu
Glorioso de mais... Busco a tua alma
responde: "A minha alma já
Imreu".

Sua alma havia, já abandonado o corpo quando o seu revolver o matou. A mesma resposta pudera ter dado Stefan Zweig ao hóspede invisível que o procurou em Petrópolis, na casinha da rua Gonçalves Dias.

Mul outro era o sentimento de Enrique Kent quando, à beira de um pequeno lago, foi ao encontro da morte junto com uma mulher muito idosa, bastante feia e gravemente enferma, que ele não amava e a quem só apreciava como companheira da última viagem. Para Kleist, que tinha sempre a morte diante dos olhos, ela não era distúrbio, fator negativo, mas uma alegria suprema, a última, a mais alta afirmação. Oficial prussiano era, não por convicção intima, mas por tradição de família. Ainda na Academia Militar, preferia tocar flauta a enfrentar-se nas ligações da arte de guerra. Era tão pouco oficial prussiano que, certa vez, de Pa-

ris, depois de haver queimado o seu "Guiscard", inconfundível com sua futura obra-prima, escrevia à irmã: "O céu recusa-me a glória, suprime a terra. Desprezo os maus." E, deliberado a alistar-se no exército francês para tomar parte na invasão da Inglaterra, tentada por Napoleão, corre a Bolonha onde o encontrou e reconheceu um amigo e conterrâneo.

Estimulado pelas mais altas ambições, ele que almeja arrastar a coroa de Goethe e com seu "Guiscard" pretende ir além de Sofocles e Shakespeare juntos, se sente vencido na vida e quer vencer na morte. E, em verdade, festea-a como uma vitória. Possuímos o relato pormenorizado do dano da hospedaria onde o poeta e sua companheira passavam as dernas horas. Descreve-se a alegria e a satisfação que inundavam essas duas almas. As cartas de adeus que o poeta escreve à irmã Ulrike e à Maria, sua prima a única mulher que ele amou verdadeiramente, são as mensagens mais transbordantes de negritude que lhe saíram da pena. Do alto "como dois avândores felizes", conforme expressão sua, olham para a terra. Pela vez primeira sente-se vencido e afortunado. Assim, encerra a carta: "Que o céu te de morte semelhante à minha, cheia de inefável felicidade. E' o que de mais cordial e sincero te posso desejar". A seguir tomam café ao ar livre, à beira do lago, num sítio em que se descontorna a mais ridente paisagem e para onde fazem transportar mesa e cadeiras. Ali ele mata a companheira e, após, com um tiro na boca, tal como fizera Quental, pôr termo aos seus dias.

Seus melhores amigos, os que mais de perto o conheceram, não se mostraram surpreendidos com sua morte. Assim Camilo Castelo Branco, ao visitá-lo em 1884, o jovem estudante de Coimbra, tinha o presentimento de que Antero de Quental acabaria pelo suicídio.

Dêla disse, comparando-o com dois poetas franceses que o destino condenou ao mesmo fim: "Se as paixões deste mundo não o apegassem, de-pressa, ao seu todo, este moto não seria mais feliz que aquele que Hegesécas Morgac e compreenderá melhor que eu, as febres e o trespasso de Gerardo de Nerval". Tinha razão Cimilo. Mas o seu suicídio precedeu o de Quental.

Se o túmulo da Ilha de São Miguel cobre um "não" pessimista e desespereado, e o que está a beira do lago Wansee, um "sim" optimista e entusiasmado, poderíamos escrever em ambas as lousas o quartoeto que Joaquim de Sousa dedicou ao seu confrade colmbrino:

Aqui... jaz pé; eu não; eu sou quem fui;
Raio animado de uma luz ce-
lestes
A' qual a morte as almas res-
tituindo á terra o pô que
las veste".

ELOGIO MÚTUO

Antero de Quental

O elogio, esse, é outra coisa. E' moeda corrente na literatura contemporânea. E moeda boa de lei, que me asseguram pessoas entendidas temem muitas das nossas primeiras celebridades achado melhor parte das suas riquezas de nomeada e glória, na gaveta onde os seus amigos íntimos guardam aquele Polos de Irises douradas, com que se compõe a vigilância de Artes literárias, de sentença ás portas estreitíssimas da reputação...

(Da Introdução aos Contos da Solidão, de Manuel Ferreira da Portela).

A IMENSA MISSÃO DO ESCRITOR - Antero de Quental

... A imensa missão do escritor. E' um sacerdócio, um ofício público e religioso de guarda incorruptível das ideias, dos sentimentos, dos costumes, das obras e das palavras. Para isso toda a altura, toda a nobreza interior são pouco ainda. Para isso toda a independência de espírito, toda a despreocupação de vaidades, toda a liberdade de julgar, imparcial e justo. O escritor quer o espírito livre de julgos, o pensamento livre de preconceitos e respeitos inúteis, o coração livre de vaidades, incorruptível e imemerado. Só assim serão grandes e fecundas as suas obras: só assim merecerá o lugar de cesar entre os homens, porque o terá alcançado, não pelo favor das turbas inconstantes e injustas, ou pelo patrônio degradante das grandes e dos ilustres, mas elevando-se naturalmente sobre todos pela ciência, pelo paciente estudo de si e dos outros pela limpeza interior dum alma que só vê e busca o bem, o belo, o verdadeiro.

Este é o escritor, o poeta, o apóstolo".

ESBOÇO DE UMA BIBLIOGRAFIA ANTERIANA - M. L.

Com os subsídios fornecidos por Inocéncio, por vários estudos de *In Memoriam* dedicado a Antero de Quental e pelas anotações bibliográficas da edição das *Proxas* (Livraria Couto Martins, Lisboa) — entre outros elementos — foi-nos possível tentar um esboço de bibliografia do grande poeta.

Fornecemo-lo ao leitor, a título de auxílio para outros trabalhos mais completos.

Diá esse esboço de bibliografia:

A História — Imprensa da Universidade (?) — 1880 (?).

Sonetos de Antero — Editor: Stenio, Coimbra. Imprensa Literária, 1881 (XII-23 pgs.). (Inocéncio se refere a uma coleção de sonetos de Antero, numa edição íntima de mil exemplares, feita para ser distribuída apenas entre amigos; declara nenhuma vista. Será provavelmente a essa edição de 1881 que o eruditíssimo bibliófilo se refere).

Fiel Luz, Coimbra, 1883.

Odes Modernas. Imprensa da Universidade, Coimbra, 1883. — Segunda edição em 1925, conforme a 2.ª, seguida de alguns apêndices. Imprensa da Universidade — Coimbra.

Deixa de Carta Evangélica de SS. Pio IX contra a chamada opinião liberal — Imprensa Literária, Coimbra — 1885.

Bom Senso e Bom Gosto — Imprensa da Universidade — Coimbra — 1885.

A dignidade das letras e literaturas oficiais — Tipografia Universitária — Lisboa — 1885.

Portugal durante a revolução da Espanha. Considerações sobre o futuro da democracia portuguesa na perspectiva de vista da democracia ibérica — Tipografia Portuguesa — Lisboa — 1888.

Primeras românticas. Versos dos vinte anos (1861-1881) — 1871 — Segunda edição em 1922 — Imprensa da Universidade — Coimbra.

O que é a internacional. O socialismo contemporâneo. O programa da Internacional. A organização da Internacional — Tipografia do Futuro — Lisboa — 1871.

Conferências democráticas. Causas da decadência das povas peninsulares nos três últimos séculos — Discurso pronunciado na noite de 27 de maio, na sala do Casino Lisboense. Tipografia Comercial — Porto — 1871.

Cartas Inéditas de Antero de Quental a Oliveira Martins — Couto Martins, Lisboa.

Cartas de Antero de Quental — Couto Martins — Lisboa.

Prosas, três volumes — Couto Martins, Lisboa. (Impressos na Imprensa da Universidade). — Coimbra — 1931.

Discurso lido na noite de 7 de março da Ligea Patriótica do Norte (d. s.)

Ensaio sobre as Bases Filosóficas da Moral ou Filosofia da Liberdade. Arquivo dos Arquivos — Ns. 11 e 12, do V-XII — Ponta Delgada.

Cartas Inéditas de Antero de Quental a Oliveira Martins — Couto Martins, Lisboa.

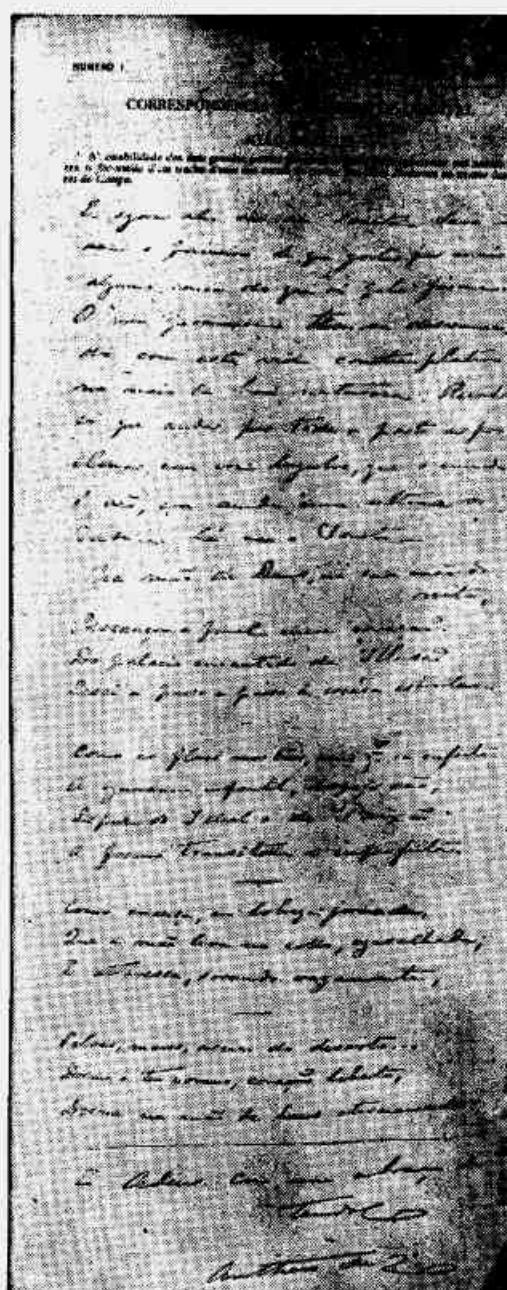
Cartas de Antero de Quental — Couto Martins — Lisboa.

Poesia, três volumes — Couto Martins, Lisboa. (Impressos na Imprensa da Universidade). — Coimbra — 1931.

Poésia e Saber — Antero de Quental

... A poesia, hoje, não pode contentar-se com o ingênuo e descaducado descante do "travador". E' já quase uma ciência — e que científica a ciência do Ideal! E' preciso que saiba, e muito... saiba tanta quanto sente. E' do domínio do coração — com esta condição: de ser também do domínio da inteligência...

Correspondência de escritores:

Carta de Antero de Quental
a João de DeusSINTE SE DE ANTERO
DE QUENTAL

(Trecho de artigo)

Há no cemitério de Nantes um túmulo monumental, o de Júlio Verne, adivinhador sedutor das técnicas. O toro nô do romancista emerge da terra e levanta angustiosamente os olhos e os braços ao céu numa aspiração impossível — impossível, porque uma pesada lage sobre os rins o subjuga. Ihe inutiliza o esforço excessivo para o azul, para a liberdade, para Deus. Sempre me pareceu que este mármore traduzia verdadeiramente a tragedia das especulações filosóficas e da ansiedade poética de Antero.

Todavia, o poeta genial viveu entre os homens, a compreender com bondade o mundo de cada dia, a gentuza de cada hora, os humildes e os pequenos. Sobre as misérias da política pensou ideias e escreveu páginas do mais candente realismo e aos sofrimentos, que presenciou, deu a melhor e mais compassiva simpatia. Houve quem se imortalizasse só porque dele recebeu caridade, tal a magia do gênio! Um criado de D. João III é lembrado na história porque recebeu uma cutidela de Camões; e quem visita o convento de freiras do Lorvão logo recorda que Herculano pediu esmolas para elas... Antero era um metafísico e um poeta de altíssimo voo, que praticava com mestria a caridade e a amizade, sabia acariciar as crianças, por amor de quem iniciou a literatura infantil, e sabia debravar-se sobre todos os corações com suave sorriso e repartir a claridade da sua alma, sem orgulho. Foi um poeta de gênio e foi um pensador, mas foi mais do que isso, foi um homem que soube usar a certeza divina da inteligência para subir à excelência da santidade.

O mundo só se salvava pelo renascimento do culto do espírito, sem restrições: sem reservas mentais, sem estratégias de partido, com fé total. Vamos ao terreiro, para além da cidadela, recolher os poetas, corá-los de rosas e restabelecer-lhos nos seus altares.

Nenhum poeta português, nem um homem de Portugal, muitos poucos espíritos europeus do século XIX serão mais dignos do nosso culto, mais adequados para fulcros desse renascimento, do que Antero de Quental, pela pureza do coração e pela elevação do espírito. Ele é um próximo parente espiritual de Mozart, de Beethoven, de Kant, de Herculano, de Leopardi. Só para recorrer esse zodíaco vale a pena viver.

Em vez de fazer crítica panfletária contra os que traíram o espírito, é mais fecundo erigir símbolos, restabelecer cultos, reacender velhas lareiras. Em todos os crepúsculos da história assim se fez, desde São Bento de Nursia. Glorifiquemos Antero de Quental, poeta, filósofo e mestre incomparável da arte de ser homem!

FIDELINO DE FIGUEIREDO

Pensamentos de
Antero de Quental

Desde que me convenci de que a vida não é boa nem má, vivo extremamente sossegado.

* * *

A verdadeira elegância vem da força e simplicidade do pensamento, exprimindo-se com rigor e sinceridade.

* * *

Não devemos exigir de nós mesmos mais do que é justo exigir-se da natureza humana: isto é, não devemos em coisa alguma exigir a perfeição, mas contentarmo-nos com a bondade e retidão das intenções.

* * *

Não está tudo em sermos caridosos com os outros; é necessário só-lo também com nós mesmos.

* * *

Só é verdadeiramente livre aquele que sabe limitar voluntariamente a própria liberdade.

A CARLOS BAUDELAIRE
(Autor das "Flores do Mal")
ANTERO DE QUENTAL

Ó Carlos Baudelaire! ó poeta impassível!
Fino lábio a sorrir, e um estranho olhar!
Tua boca descrece o cinismo, o horrore,
Enquanto a tua voz parece só cantar...

Indiferente pais, como a desdem, pisando
Um chão de vício e horror com passo vigrinal.
Na tua mão "gantée" trazes, como brincando,
Um sinistro "bouquet", a negra "flor do mal"!

O têtrico — o que faz arrefecer no peito
O coração dos mais — poeta, é, para ti,
Só pretezo, talvez, algum feliz conceito,
Um verso original, uma rima que ri...

Dante do Boulevard, cantas o desespero
Ao som de uma ária vã, como um júil rondô...
Pintar, deixas-nos ver a alma escura de Nero
Com o "négligé" e o cão de Boucher ou Watteau...

Essa fronte de neve, esse crânio de gelo,
Se os estalasse alguém, veria, creio eu,
Surgiu disforme ser — Byron, Poitichinelo,
Confundidos num só, co'a face de Asmodéu!

E o mal com consciência, e tanta, e tão terrível,
Que da tua afeição, nas frases "rococó"...
E esse olhar fixo e estranho, e essa fronte impassível
Causam frio mortal, mas do que pranto e dó...

Sim, à luz da alaranada e em plena primavera,
Ver só o inseto vú, que roe a bela flor,
Em despeito do estio e da rima severa,
Não se faz sem sofrer... tu conheces a dor!

Tu sabes o que é dor, ó sereno estilista!
Sob o truque do dandy há em ti, bem o rés,
Um poeta, um ledo, um demônio, que o artista
Pode a custo conferir, domar, calçar aos pés!

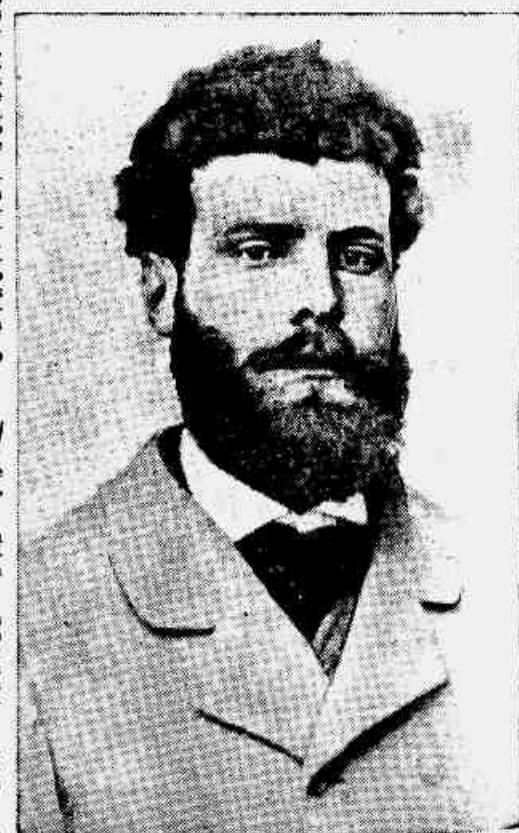
Considero esse olhar indissível e fixo,
E esse lábio cruel... e parece-me ouvir:
— "Nesta vida sem Deus, neste mundo maldito,
Ja não há que chorar... o melhor é sorrir!"

Habita dentro em ti, mudo mas implacável,
Como em remorso antigo, um penitente airoso...
E o velho pecado, a herança expiar
Do mal das gerações, dos vícios dos avôs!

E's o simbolo, tu, dum século fantasma,
Tão sábio que é ateu, e já não quer chorar...
Que tem cães sem ser velho, e que de nada passa,
Olhando o mundo à luz do gaz do Boulevard...

Somos todos assim — um triste olhar que chora
E encobre, chocorreia, a luneta do tom...
Um esqueleto triste e horrível — mas por fôrta
"Irreprochablement" restido à Bevilior!...

(Primaveras Românticas)



Antero de Quental em 1864, quando se formava em Coimbra

Algumas poesias de Antero de Quental

HINO DA MANHA

Tu casin e alegre luz da madrugada,
Sobe, cresce no céu, pura e vibrante,
E enche de força o coração triunfante
Fos que ainda esperam, luz imaculada!

Mas a mim pões-me tu tristeza imensa
No desolado coração. Mais quer
A noite negra, irmã do desespero,
A noite solitária, imóvel, densa.

O vacuo medo, onde astro não palpita,
Na ave canta, nem sussurra o vento,
E adormece o próprio pensamento.
De que a luz matinal... a luz bendita!

Porque a noite é a imagem do Não-Ser
Imagem do repouso inalterável
E do esquecimento inviolável,
Que amassa o mundo, farto de sofrer...

Porque nas trevas sonha, fixo e aberto,
O nada universal o pensamento.
E despreza o viver e o seu tormento,
Y elvita, como quem está já morto...

E interrogando intrépido o Destino,
Como reu o renege e o condena,
Mirando-se, fita em paz serena
O vicino augusto, p'ácidio e divino...

Porque a noite é a imagem da Verdade,
Que está além das colas transitorias,
Das paixões e das formas ilusórias,
Quem somente ha dor e falsidade...

Mas tu, radiante Inz, luz gloriosa,
De que és simbolo tu? do eterno engano,
Que envolve o mundo e o coração humano
Em rede de mil malhas, misteriosa!

Sabia lo, sim, da universal traição,
Dona promessa sempre renovada
E sempre eternamente perjurada,
Tu, mãe da Vida e mãe da Ilusão...

Outros entendam para ti as mãos,
Euplicantes, com te, com esperança...
Proham outros seu bem, sua confiança
Nas promessas e a luta dos dias vão...

E tu: Ao ver-te, penso; Que agonia
E que tortura ainda não provada
Hoje me estinhará esta alvorada?
E dico: Por que nasei mais um dia?

Antes tu nunca fosses, luz formosa!
Antes nunca existisse! e o Universo
T'case inerte e eternamente inerte
Do possível na névoa davidosa!

O que trazes ao mundo em cada aurora?
O sentimento só, só a conciência
Duma eterna, incurável impotência,
De insaciável desejo, que o devora!

De que são feitos os mais belos dias?
De combates, de queixas, de terrores?
De que são feitos? de ilusões, de cores,
De misérias, de máguas, de agoniias!

O sol, inexorável semeador,
Sem jamais se cansar, percorre o espaço,
E em borbotões lhe jorraram do regaço
As sementes inúmeras da Dor!

Oit como cresce, sob a luz ardente,
A seara maldita! como freme
Sob os ventos da vida e como geme
Num susurro monótono e plangente!

E cresce e abstra, em ondas voluptuosas,
Em ondas de cruel fecundidade,
Com a força e a sutil tenacidade
Inexorável das plantas venenosas!

De podridões antigas se alimenta,
Da antiga podridão do chão fatal...
Uma frigidez mórbida, mortal
Lhe recuma da seiva peçonhenta...

E esse aroma fânguido e profundo,
Foto de seduções vagas, magnéticas,
De aíor carnal e de atrações poéticas
E esse aroma que envenena o mundo!

Como um clarim soando pelos montes,
A aurora acorda, plácida e inflexível.
As misérias da terra: e a hoste horrivel,
Encheendo de clamor os horizontes,

Terra, cegu, católica, faminta,
Suge mais, uma vez earma-se à pressa,
Para o bruto combate, que não ceasa,
Onde é vencida sempre e nunca extinta!

Quantos erguem nesta hora, com esforço,
Para a luz matinal as armas novas,
Pedindo a luta e as formidáveis provas,
Alegres e cruéis e sem remorso,

Que esta tarde, há-de ver, no duro chão
Cuidos e sangrentos, vomitando
Contra o céu, com o sangue miserando
Uma extrema e impotente imprecação!

Quantos também, de pé, mas esquecidos,
Há-de a noite encontrar, só e encostados
A algum marco, chorando aniquilados
As lagrimas caladas dos vencidos!

E por que? para que? Para que os chamas,
Serena luz, ó luz inexorável,
A vida inverta e a luta inexplicável,
Com as falsas visões, com que os inflamas?

Para serem o brinco dum só dia
Na mão indiferente do Destino...
Clarão de fogo-fátuo repentino,
Cruzando entre o nascer e a agonía...

Para serem, no páramo enfadonho,
A luz de astros malignos e enganosos,
Como um bando de espíritos lastimosos,
Como sombras correndo atrás dum sonho...

Oh! não! lux gloriosa e triunfante!
Sucede embora o encanto e as seduções,
Sobre mim, do teu manto de ilusões:
A meus olhos, és triste e vacilante...

A meus olhos, és buça e lutuosa.
E amarga ao coração, ó lux do dia.
Como tocha esquecida que alumia
Vagamente uma cripta monstruosa...

Surges em vão, e em vão, por toda a parte,
Me envolves, me penetras, com amor...
Causas-me espinho a mim, causas-me horror,
E não te posso amar — não quero amar-te!

Símbolo da Mentira universal,
Da apariência das colas fugitivas,
Que esconde, mas moventes perspectivas
Sob o eterno sorriso o eterno Mal,

Símbolo da Ilusão que do infinito
Fez surdir o Universo, já marcado.
Para a dor, para o mal, para o pecado,
Símbolo da existência, se maldito!

AS FADAS

As fadas... eu creio nejas!
Umas são moças e belas,
Outras, velhas de passmar...
Umas vivem nos rochedos,
Outras, pelos arvores,
Outras, à beira do mar...

Algumas em fonte fria
Escondem-se, enquanto é dia.
Saem só ao escurecer...
Outras, debaixo da terra,
Nas grutas verdes da serra,
E que se vão esconder...

O vestir... são tais riquezas
Que rainhas, nem princesas
Nenhuma assim se vestiu!
Porque as riquezas das fadas
São sabidas, celebadas
Por toda a gente que as viu...

Quando a noite é clara e amena
E a lua vai mais serena,
Qualquer as pode espreitar,
Fazendo roda, ocupadas
Em dobrar suas meadas
De ouro e de prata, ao luar.

O luar é os seus amores!
Sentadinhas entre as flores
Horas se fleam sem fim,
Cantando suas cantigas,
Flautando suas estrigas,
Em rota de ouro e marfim.

Eu sei os nomes de algumas:
Viviana ama as espumas
Das ondas nos ares,
Vive junto ao mar, sozinha,
Mas costuma ser madrinha
Nos batizados reais.

Morgana é muito enganosa;
As vezes, moça e formosa,
E outras, velha, a rir, a rir...
Ora festiva, ora grave,
E vos como uma ave,
De a gente lhe quer bolar.

Que direi de Melusina?
De Titânia, a pequenina,
Que dorme sobre um jasmim?
De cem outras, cuja glória
Enche as páginas da história
Dos reinos de el-rei Merlin?

Umas teem mando nos ares;
Outras, na terra, nos mares;
E todas trazem na mão
Aquela vara famosa,
A vara maravilhosa,
A varinha de condão.

O que elas querem, num pronto,
Fez-se ali! parece um conto...
Mesmo de fadas... eu sei!
São condões que dão à gente
Ou dinheiro reluzente
Ou joias que nem um rei

A mais pobre criancinha,
Se quis ser sua madrinha,
Uma fada... ai que feliz!
São palácios num momento...
Belera, que é um portento...
Riqueza, que nem se diz...

Os então, prendas, talento,
Ciência, discernimento,
Graças, chiste, discrição...
Vê-se o pobre inocentinho
Feito um sábio, um adivinho,
Que aos mais sábios val à mão!

Mas, com tudo isto, as fadas
São muito desconfiadas;
Quem as vê não há-de rir.
Querem elas que as respeitem,
E não gostam que as espreitem,
Nem se lhes há-de mentir.

Quem as ofende... Cautelal!
A mais risinha, a mais bela,
Torna-se logo tão má,
Tão cruel, tão vingativa!
E' inimiga agressiva.
E' serpente que ali está!

E tem vinganças terríveis!
Demoram coisas horríveis,
Que nascem logo no chão...
Línguas de fogo que estalam!
Bafos com asas, que falam!
Um anão preto: um dragão!

Ou deltam sortes na gente...
O nariz faz-se serpente,
A dar pulos, a crescer...
E' se morcego ou veado...
E anda-se assim encantado,
Enquanto a fada quisere

Por isso quem por estradas
For, de noite, e vir as fadas
Nos altos mirando o céu,
Deve com grito falar-lhes
Muito cortés e tirar-lhes
Até ao chão o chapéu.

Porque a fortuna da gente
Está às vezes somente
Numa palavra que dia;
Por uma palavra, engraca
Uma fada com quem passa,
E torna-o logo feliz.

Quando às vezes, já deitado,
Mas sem sono, inda acordado,
Me ponho a considerar
Que condão eu pediria,
Se uma fada, um belo dia,
Me quisesse a mim falar...

O que seria? um tesouro?
Um reino? um vestido de ouro?
Ou um leito de marfim?
Ou um palácio encantado,
Com seu lago prateado
E com pavões no Jardim?

Ou podia, se eu quisesse,
Pedir também que me desse
Um condão, para falar
A línguas dos passarinhos,
Que conversam nos seus ninhos...
Ou então saber voar!

Oh, se essa noite, sonhando,
Alguma fada, engracando,
Comigo (podia ser!)
Me tocasse da varinha,
E fosse minha madrinha
Mesmo a dormir, sem a ver...

E que amanhã acordasse
E me achasse... eu sei? me achasse
Feita um príncipe, um emir...
Até já imaginando,
Se estão meus olhos fechando...
Deixa-me já, já dormir!

(Tesouro Poético da Infância)

ZARA

A Joaquim de Araujo

Felic de quem passou por entre a mágua
E as paixões da existência tumultuosa,
Inconsciente, como passa a rosa,
E leve, como a sombra sobre a água,

Era-te a vida um sonho, indefinido...
E tene, mas suave e transparente...
Acordaste, sorriste... e vagamente
Continuaste o sono interrompido,

Excertos da carta ao Marquês d'Avila, presidente do Conselho de Ministros -- ANTERO DE QUENTAL

Exmo. sr. — Pego na pena, mais pesaroso do que irritado. As misérias morais de qualquer homem contristam-me, porque vejo nelas o abalizamento da alma humana, que devia patiar serena e sem mácula. As misérias morais dos homens, que pela posição, pela autoridade, pelos anos, tem missão de dar o exemplo da justiça incorruptível, e ser como apóstolos entre as nações, essas compungem-me dobradamente, porque vejo nelas a degradação dum aço augusto, a lei, e o envilecimento dum rosto venerando, os cabelos brancos. Nada disto, porém, excita indignação: sonante, é uma indignação entristecida. Porque havia v. excia., velho que eu não conheço, ministro que eu queria respeitar, fazer calar em mim o respeito que é devido aos anos e à posição, e obrigar-me a falar-lhe num tom, que não é da cólera, mas que é da indignação, e que pode ser o do desprezo? Se os cabelos brancos, que passam diante de mim, em vez de terem a compostura plácida das cabeças dos santos, traem nos seus anéis emaranhados as pulhas da loucura, posso eu deixar de sorrir os esgares do louco, e enxotá-los do meu caminho, se n'ho endaraça?

Vou ser descarado com v. excia., porque v. excia. detrou de mecer a minha caridade.

Dirigindo-me a v. excia., dirijo-me sobre tudo ao público: por isso escrevo pela imprensa. Particularmente não lhe escreveria, porque me prego de não ter por correspondentes, sendo pessoas inteligentes, pouca condescendência, e de profunda ortodoxia em gramática portuguesa. V. excia. não está neste caso. Ainda disso, a questão não é pessoal. Para mim o marquês d'Avila é apenas mais um titular: isto é, uma coisa hirta que passa e que dois mercenários mostram um ao outro. Já v. excia. que era impossível incomodar-me, e menos ainda ofender-me. A questão é com um ministro, cujo nome me é indiferente, e com a opinião pública, que tem de julgar os atos desse ministro.

Ora, a portaria com que v. excia. mandou fechar a sala das conferências Democráticas, é um ato não só contrário à lei e ao espírito da época, mas sobretudo atentatório da liberdade de reunião, isto é, daqueles sagrados direitos nem os quais nã há sociedade humana, verdadeira sociedade humana, no sentido ideal, justo, eterno da palavra.

Pode haver sem elas aglomeração de corpos inertes, que a força da gravidade social sustenta juntas? não há associação de conciências livres. — Além disso é um ato tolo.

Ora, se fosse somente um ato tolo, te-lo-lo cometido v. excia. reflectida e conscientemente. Como é muito mais, como é que uma grande coisa, como é quase um crime contra a dignidade humana, tenha boas razões para supor que v. excia. não soube o que fez. V. excia. contemplava cuidadosamente o seu museu de veneras: entre a contemplação extática da ordem do Eleíante e a contemplação seráfica da ordem do Carmelo, teve uma distração, e fez uma portaria. Obrou como um verdadeiro ministro constitucional. Simplesmente, não se lembraram v. excia. que as pessoas que salpicava com a sua prosa, apesar de não terem o peito coberto de veneras, ou antes, por isso mesmo, sentiam nesse peito curação, dignidade, independência. Um ministro constitucional não podia prever estas exceções. V. excia. obrou como quem é: nada mais. Quase que sinto desejo de aplaudir.

Resposta ao ato. E' ilegal, disse eu. E' o. Ninguém pode ser julgado sem processo, diz a Lei Fundamental. V. excia. não só julgou sem processo, como também condenou; porque impedir-nos de falar é já uma condenação, e é uma condenação maior ainda astrar sobre as nossas cabeças, apontando-nos à indignação do país, como inimigos da ordem e das crenças públicas, a reprovação universal. Fazer isto contra homens indefesos, com todo o peso da autoridade, do lugar, da reputação, é além de lido cobarde.

Diz também a carta constitucional: "Todos podem comunicar os seus pensamentos por palavras e escritos, ou publicá-los pela imprensa, sem dependência de censura, contanto que hajam de responder pelos abusos que cometerem ao exercício desse direito". Pois lá estivemos, para responder pelas nossas palavras perante os tribunais. Havia lá lugar, para que a autoridade competente pudesse tomar nota dessas palavras. Nem um de nós falou androínico, creio eu! Quebra-se caso os prelos, dum jornal porque esse jornal publicou um, dez, mil artigos representativos! Processa-se cada um dos artigos, e a imprensa continua trabalhando. Além da responsabilidade pessoal de cada conferente, havia dois homens que perante a autoridade se tinham comprometido a responder por quanto ali se dissesse. Um desses homens sou eu. Iria aos tribunais, e sujeitaria-me à condenação legal se me condenassem. Não pedíamos impunidade; pedíamos justiça, e só isto era justo. Fechar brutalmente a porta é uma coisa muito diferente. Sabe v. excia. o que é? Não sabe. Pois é, para o que já tinha julgado, a condenação sem processo: e é a "censura prévia" para todos os que ainda não tinham falado, nem tinham por conseguinte dada elementos para serem julgados. Supõe-se que diriam coisas feias: "censurou-se previamente": fechou-se a porta. Um inquisidor não raciocinaria melhor. V. excia. é inquisidor de "cache-nez".

E' um ato contrário ao espírito da época, disse eu. A época é liberal, e o ato é despótico. A época é tolerante, e o ato é inquisitorial. A época é inteligente, e o ato é estúpido. A época que é pensamento, diz a política, que é ação: comprehende, interpreta e aplica a minha idéia; a portaria de v. excia. diz ao espírito da época: submete-te à letra da lei, que não comprehendo, nem sei, nem quero interpretar. "Interpretar" a lei é o próprio da inteligência; que a razão popular coloca donde a lei tem de se executar: "impôr" a lei, que se não entende e o próprio da incapacidade em cujas mãos pos o acaso, por irriado o poder durante alguns instantes. V. excia. já ouviu falar em Pitt, em Gladstone, em Peel, em Bright, em Russel, em Palmerston? Não ouviu. Pois foram ou são grandes estadistas, num país entre todos da liberdade e legalidade. E sabe v. excia. o que fizeram e o que fizeram estes estadistas? Encontraram dum lado, leis velhas, contraditórias, opressivas, mas "leis": leis da idade média, dos Tudos, dos Stuarts, católicas, protestantes, de vários tempos, de espíritos variadíssimos... mas sempre "leis": do outro lado encontraram a opinião liberal, tolerante, inteligente, civilizada, mas só "opinião". Que fizeram os estadistas ingleses? Deixaram a "letra" e seguiram o "espírito": interpretaram, condiscenderam, deram razão à opinião. O que é a lei? e a opinião armada, nada mais. O que é a opinião? é o espírito da sociedade em que vivemos. Os estadistas ingleses são

filósofos: a Inglaterra é um grande povo. V. excia. não é um estadista inglês. E' Antonio José da Vila, das Ilhas de baixo. (*)

Ah, sr. marquês! em presença de certos fatos (e é este um deles) sinte uma misericórdia profunda invadir-me, envolver-me a alma! E' assim que, no momento mais solene do século XIX, e num dos momentos mais críticos da nossa história, com os perigos visíveis e iniciais que correm sobre nós de todos os lados do horizonte, é assim que homens encanados na arte, na ciência, na filosofia e experiência, de governar os outros homens, dão ao mundo o espetáculo da incapacidade, da intolerância, e da mais assustadora ignorância das verdadeiras questões do nosso tempo? São estas as lições com que educam o sentimento público, a opinião? E' assim que preparam o futuro? Aonde vamos nós por este caminho? ao absolutismo? não, que não tem força para tanto. Vamos a mais repugnante das dissoluções sociais, à dissolução dos principios, a gangrena dos espíritos, a morte!

O Assunto é sério e triste. Já me não posso rir, e a indignação cedeu infelizmente à melancolia que inspira o destino prateável dum aço. que os seus "salvadores" se esforçam cada vez mais por condonar irreversivelmente! Já me não posso rir. sr. marquês, apesar de continuar a vê-lo: é que por detrás de v. excia., em redor de v. excia., dentro de v. excia., revo eu uma coisa bem pouco para riso: um mundo que apodreça!

Este estado de coisas, o estado dos espíritos que ele accusa, não serão a justificação mal-elogiosa do pensamento e da faixa das conferências? a prova luminosa de que eram necessárias, de que eram profícias? de que estava ali, senão um exemplo a seguir, pelo menos uma tentativa louvável a respeitar, a amar? Pode que, quando os pensamentos se abalam, quando os caracteres se degradam, quando os principios se obscurecem quando as intenções se envenenam, quando os atos públicos revelam a triste anarquia que vai nas conciências... pois que não será esse o momento próprio, conveniente, necessário, de apelar para a regeneração das idéias, para a propaganda dos estudos, para a dedicação das vontades, para a ressurreição moral? Não será esse o momento de dizer cada um a verdade que tem dentro do coração?

V. excia. diz que não. V. excia. tem 60 anos, é marquês, ministro pela décima vez, governa alguns milhares de homens... e o conselho que nos dá — com estas horas e estes anos — é: nós, rapazes, é que mintimos!

E' o que tem a dizer a mocidade portuguesa um conselheiro da coroa de Portugal!

Exmo. sr.: nem eu nem v. excia. passaremos à história: é muito menos ás insíprias portarias que v. excia. faz assinar a um rei sonâmbulo. Mas supondo por um momento que alguma destas coisas possa passar ao século XX, folgo de deixar aos vindouros com este escrito a certeza duma coisa: que em 1871 houve em Portugal um ministro que fez uma ação má e tola, e um homem que fez a franqueza caridosa de lho dizer.

Antero de Quental. (Prosas, vol. II).

(*) Antonio José da Vila é o nome verdadeiro do ilustre ministro; seu pai, o honrado plebeu, chamava-se simplesmente mestre José da Vila. Avila, é apenas a máscara aristocrática do "parvenu". Quem diz o que pensa é criminoso: quem renega o nome de seu pai é ministro. "C'est la moralité de cette comédie..."

SAUDAÇÃO AO PRÍNCIPE HUMBERTO

No dia 22 de outubro
de 1862

Os estudantes da Universidade de Coimbra, filhos e netos dos heróicos defensores do Povo, saudam, em nome da posteridade de dois povos irmãos, o neto de C. Alberto: a mocidade liberal portuguesa sauda, em nome da liberdade do mar, o católico o filho do amigo de Garibaldi, o filho de Vitor Manuel.

A mocidade portuguesa não lhe sofre o coração, ("dias temidos") que enlutou ("dias de luto"), que enfureceu ("dias de sangue"), que envolveu ("dias de tempestade") — que não recorde com saudade a memória do herói infeliz que, escolhido pelo último leito uma terra de amores livres, prestou, ainda na morte, homenagem à liberdade, lhe sofre o espírito impaciente ("ainda que operado por um fantasma do passado") — não vira os olhos para as bandas da luta, aziende, no meio do combate, se enlaga o braço do rei com o braço do povo. Não é o representante da Casa de Saboia que vimos prestar homenagem: é o filho de Vitor Manuel que saudamos: o primeiro soldado da independência italiana; desse de quem os reis da Europa sopraram como, neste século ainda, se pode ser populares sendo-se reis; de quem a Itália espera restauração completa; de que espera a Itália cristã uma nova época de verdadeira grandeza e liberdade verdadeira.

Aos votos da Europa inteligente, aos votos da Europa popular, aos votos dos que trabalham pela grande causa dos povos, unimos os nossos, sinceros como a nossa ideia e como ela cheios de muita fé, para que a pátria de Garibaldi possa reaver o sagrado patrimônio da sua nacionalidade, para que o coração da Itália, que é também do mundo cristão, pulse com igual energia pela liberdade política e pela liberdade religiosa.

ANTERO DE QUENTAL
(Prosas — Vol. II)

O MUNDO REAL

Antero de Quental

O mundo real, o mundo visto à luz da ciência é uma coisa atroz...

O naturalismo, ainda o mais elevado e o mais harmônico, ainda de um Goethe ou de um Hegel, não tem solução verdadeira, deixa a conciência suspensa, o sentimento, no que se refere ao mais profundo, por satisfazer. A sua religiosidade é falsa, e só aparente; no fundo, não é mais que um pagamento intelectual e requintado. Ora eu debatia-me desesperadamente, sem poder sair do naturalismo, dentro do qual nascera para a inteligência e me de envergada; era a minha atmosfera, e todavia sentia-me asfixiar dentro dela. O naturalismo, na sua forma empírica e científica, é o Struggle for life, o horror de uma luta universal no meio da esquerda universal; na sua forma transcendente, é uma dialetica gelada e inerte, ou um epicurismo egoístamente contemplativo. Eram estas as consequências que eu via sair da doutrina com que me criava.

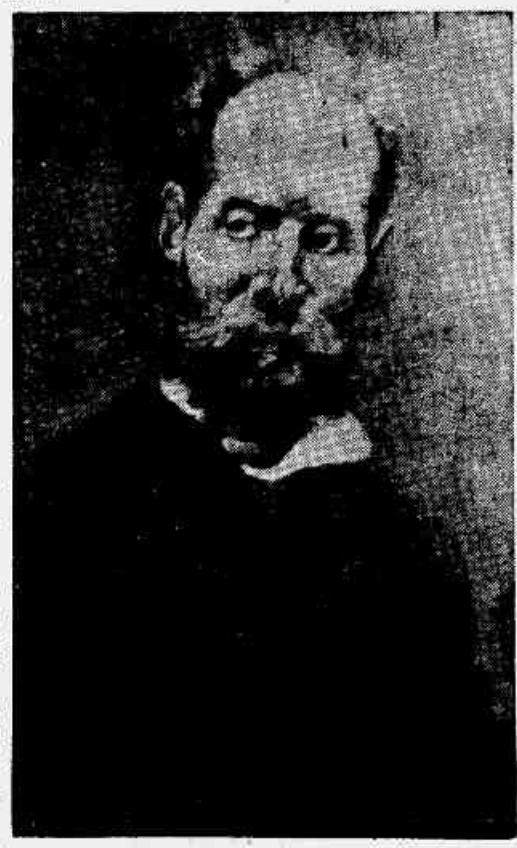
(Carta autobiográfica a G. Stoerl.)

A ELEVAÇÃO MORAL

Antero de Quental

A condição da grandeza, da beleza, da bondade, não é o talento, nem a ciência, nem a experiência; é a elevação moral, a virtude da altitude da alma, a independência da alma, a dignidade do pensamento e da coração.

(Bom Senso e Bom Gosto).



O último retrato de Antero de Quental